UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV

(135)

LITERATURA ORAL E POPULAR VARZEANA

" O REAL E O IMAGINÁRIO DOS CONTOS "

JUCIANE PACHECO DE ALMEIDA

Várzea da Roça – Bahia
2002

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV

LITERATURA ORAL E POPULAR VARZEANA

" O REAL E O IMAGINÁRIO DOS CONTOS "

Monografia apresentada como exigência para obtenção do Título de Especialização em Estudos Literários à Universidade do Estado da Bahia, na área de concentração literária sob a orientação da Professora Zilda de Oliveira Freitas.

Juciane Pacheco de Almeida

CONSULTA
BIBLIOTECA CENTRAL DA
R 177
UNEB
AGO/04

Várzea da Roça - Bahia
Outubro de 2002

UNEB - DEP. IV – JAC

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV

PÁGINA DE APROVAÇÃO

Examinador (a):

Cursista: Juciane Pacheco de Almeida

Curso: Especialização em Estudos Literários

Título do trabalho: Literatura Oral e Popular Varzeana: O real e o imaginário dos contos.

Parecer:

Nota:

_____

Assinatura

2002

" O povo não conserva a sua literatura oral para agrado de gramáticos, e se falasse como manda a gramática, e aliás poucos doutos falam, talvez não seria possível espelhar-se ao vivo no que elabora sobre tradições transmitidas de remoto passado a índole do seu sentir e pensar."

Lopes

A todos os contadores de histórias, quer sejam natos quer sejam profissionais e em especial, aos varzeanos que mesmo vivendo num mundo repleto de outras seduções, ainda conservam na sua memória o encanto real e imaginário dos contos populares.

Agradecemos aos nossos familiares que nos apoiaram nessa jornada; a orientadora Zilda Freitas pela dedicação e credibilidade no nosso trabalho; aos demais professores do curso de Especialização em Estudos Literários por nos ter acompanhado neste processo; aos amigos contadores de histórias e todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização dessa obra.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 08

CAPÍTULO II

2.1. História da tradição oral 11

CAPÍTULO III – Literatura oral e popular.

3.1. Narrativas 14

CAPÍTULO IV – Contos populares.

4.1. Estrutura e características 19

CAPÍTULO V – Várzea da Roça

5.1. História do Município 24
5.2. Aspectos geográficos 26
5.3. A economia 27
5.4. Infra-estrutura 28
5.5. Administração 29
5.6. Cultura e lazer 30
5.7. O mundo real e imaginário da literatura oral e popular varzeana 31
5.8. Contos varzeanos – análise 35

CONCLUSÃO 73

GLOSSÁRIO 75

BIBLIOGRAFIA 78

ANEXOS 80

INTRODUÇÃO

A expressão *contar histórias* é sempre associada à idéia de um narrador contando histórias a um grupo de pessoas que, muito atentas, acompanham-no neste ato criando um enredo, identificando personagens e atribuindo diferentes sentidos à história narrada.

Esta imagem do *contador de histórias* parece estar vinculada aos contos de Monteiro Lobato, à cultura oriental e à cultura ocidental já que nesta última, os mais velhos usam deste meio para perpetuar suas tradições, ensinando seus conceitos, passando suas experiências e, ao mesmo tempo, proporcionando momentos de lazer às crianças.

Analisando este processo, é possível questionar o surgimento deste impulso de contar histórias, que desde os primórdios da vida terrestre vem sendo despertado no ser humano. Seria algo inerente ao homem? Será que este nasceu predestinado à transmissão oral? Ainda não se tem uma resposta precisa a respeito de tais questionamentos, no entanto, é sabido que em um determinado momento ele percebeu que suas experiências poderiam ser significativas para o grupo e sua sobrevivência, e sentiu a necessidade de comunicá-las, e isso repercutiu profundamente no processo de formação da cultura.

Sendo assim, a experiência passada de geração para geração, constitui desta forma um processo de hierarquização do saber, no qual os mais velhos transmitem oralmente aos mais novos, seus saberes, suas crenças e tradições, o que denota sua importância e ua sabedoria acima dos jovens que ainda não as vivenciaram.

Portanto, a cultura oral e popular representa em suas expressões, em sua essência, a história de um povo, mantida através de uma linguagem simples e pura. Constitui ainda um *instrumento* que reúne diversos valores e tem como compromisso integrá-los a outras gerações como uma espécie de *legado cultural*.

A cultura oral se dá em sociedade, onde há elite e povo participando de manifestações comuns como a língua, religião, composição étnica e outros, sendo que estas na sua maioria se dão de forma oral[1].

Até meados do século XVII, as elites consideravam as expressões de cultura popular, fossem elas danças, contos, sagas ou peças de artesanatos, como produtos da ignorância e do desconhecimento das ciências e artes, sendo estas últimas patrimônio restrito às classes superiores. Um século depois, alguns estudiosos e críticos começaram a valorizar certas criações populares como a poesia. Nesta, era encontrado um frescor de profundidade, o qual contrastava com o formalismo e a rigidez da arte acadêmica. Desde então, a cultura tem recebido uma importância significativa, deixando de ser considerada como algo *inferior*.

Esta rejeição à cultura popular e sua importância, ainda é algo presente nas novas gerações que vive uma realidade também repressora à tais manifestações. O mundo atual, globalizado e informatizado, encontra-se num acelerado processo de transformação, sofrendo constantes mudanças, o que requer das pessoas muito mais tempo para sua inserção nesse contexto global, acontecendo o inverso já que grande parte da população não consegue e não pode estar inserida neste espaço por diversos fatores conjunturais. Essa grande maioria, acaba sendo considerada inferior, já que muitas vezes não tem acesso

[1] LUYTEM, Josph M. O que é literatura popular. 1983. p. 20

a uma educação de qualidade, ficando à margem deste processo social como analfabetos ou semi-analfabetos. Consequentemente, não possuem um *nível de instrução* elevado e passam a ser rotuladas pela cultura dominante como possuidores de uma cultura menos desenvolvida.

Desta forma, a cultura popular acaba sendo ridicularizada, e tudo aquilo que não é encontrado nos livros, é excluído deste espaço. A língua materna, os contos, as histórias, as lendas, as músicas, tidos como *não oficiais*, ganham apenas um espaço: a memória, constituindo uma espécie de *silenciamento* da palavra que impede a produção do sujeito narrador. É no *contar histórias* e no *ouvir histórias* que o indivíduo constrói seu pensamento, sua identidade. É precisamente no encontro de histórias narradas com histórias lidas/ouvidas que a atribuição de sentido é estabelecida.

Existe hoje um levantamento, um mapeamento cultural no mundo, principalmente no oriente, onde a cultura é muito mais arraigada, conseguindo resistir às impetuosas transformações sociais e mantendo vivas as culturas de cada povo. Os judeus por exemplo, que vivem em cantos diversos do mundo, sobrevivem exatamente porque cultuam suas tradições, buscando dentro de suas raízes a forma de passá-las de geração para geração.[2]

[2] LUCENI, Marizete. Tempo Narrativa e Ensino de História. 1999. p. 54-60

CAPÍTULO II

2.1. HISTÓRIA DA TRADIÇÃO ORAL

> " Engels narra a origem do homem assim: talvez há um milhão de anos, certa espécie altamente desenvolvida de macacos antropóides vivesse em alguma região tropical. Eram recobertos de pêlos, tinham barbas, orelhas pontudas, viviam em bandos e moravam em árvores. Alimentavam-se de frutos, cocos e raízes. Esses animais foram deixando a vida arborícola e passaram a andar no solo, assumindo a posição ereta. As mãos desenvolveram a perícia de fazer ferramentas simples. Centenas de milhares de anos se passaram até que uma lasca de pedra adquiriu a forma de faca. A partir do momento em que começaram a trabalhar, verificaram que tinham algo a dizer uns aos outros. Surgiu a fala. O trabalho e a fala transformaram o cérebro do macaco no cérebro do ser humano." [3]

A teoria de Engels sobre a origem humana e sua evolução cultural, enfatiza dois elementos essenciais neste processo: o trabalho e a fala. Portanto, ambos são considerados pelo autor como os promotores da cultura e do desenvolvimento histórico e social do homem. Embora tanto o trabalho quanto a fala sejam fatores extremamente amplos e bastante ligados à transmissão oral, será considerada e analisada neste capítulo, a segunda, já que a mesma está diretamente relacionada à literatura oral e popular.

Esta teoria de Engels vem sendo considerada bastante interessante e verossímil por antropólogos e estudiosos da área. Afinal, a transmissão oral foi o significativo fator diferencial entre o homem e as outras espécies animais. Quão dolorosa não deve ter sido a sobrevivência dos nossos ancestrais antes da comunicação! Certamente, em seu processo de tentativa e erro, perdia-se tempo e até vidas na descoberta e confecção dos instrumentos de caça, na aquisição de frutos, no cuidado dos ferimentos, e sobretudo na luta contra os *inexplicáveis* fenômenos naturais.

[3] Karl Marx in GANDY; D.R Marx e a História. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1980. p. 20

Todas estas proposições e, sobretudo, a análise da tradição oral e da cultura como algo tão presente e tão imprescindível para a sobrevivência humana, leva alguns pesquisadores a vê-la como algo peculiar ao homem e inerente a sua própria natureza. Assim, supõe-se que, ao realizar uma descoberta sobre quaisquer atividades cotidianas, como simplesmente a forma mais precisa de talhar uma pedra, provavelmente foi despertada no homem a necessidade de compartilhar o que sentia com os demais membros do grupo, ou até mesmo a observação de outras espécies e a constatação de que se comunicavam através de grunhidos tenha inspirado o mesmo a articular sons e dotá-los de significados.

Não desconsiderando o processo histórico da tradição oral, é interessante destacá-la e voltar-se para a mesma analisando-a como agente primordial na formação da cultura. Após todo o processo citado, o homem primitivo passou a questionar os fenômenos naturais e a buscar respostas para as reações não tão cotidianas e concretas que se manifestavam à sua volta. São inspirados assim, alguns elementos culturais como a crença nas divindades, o respeito a determinados animais, e as primeiras manifestações artísticas, as quais deram origem à chamada *magia simpática*. Todos estes conhecimentos foram passados para as novas gerações, e assim se perpetuaram hábitos e conceitos que são seguidos até os dias atuais como os ritos fúnebres, algumas técnicas agrícolas e instrumentos musicais. Além disso, algumas evidências históricas como as similaridades entre os utensílios de um clã e outro, a coincidência entre desenhos rupestres desta ou daquela região e a hipótese de que alguns grupos conviveram pacificamente com outros homínidas, denotam a existência de um *intercâmbio cultural* da tradição oral nas primeiras comunidades.

Acredita-se que os primeiros mitos sobre os fenômenos naturais e as primeiras hipóteses sobre a criação do universo tenham surgido antes mesmo da era neolítica, ou seja, antes da escrita. Assim, podem ser constatadas a relevante contribuição da tradição oral e a sua influência nestes nômades já que milhares

de anos após, algumas teorias míticas sobre a criação coincidem significativamente com alguns desenhos rupestres daquela época.

Toda esta análise inicial, pode parecer cansativa e um tanto histórica para um estudo de literatura oral e popular. Mas, seguramente, é possível afirmar que tais argumentações e questionamentos têm um objetivo claro: destacar a importância da tradição oral, já que estas ricas etapas de transmissão da experiência, pelas quais o homem passou, se deram há milhares de anos antes da descoberta da escrita, sendo que esta última só foi estabelecida e convencionada graças à tradição oral.

Assim, reafirma-se a idéia de que a tradição oral e suas manifestações - histórias, contos, provérbios, conceitos didáticos, familiares ou sociais - não se perdem quando transmitidos oralmente, mas sim, se transformam havendo a fusão da cultura. Nem se perde também a sua essência, já que esta constitui-se basicamente do ato de ser *transmitida e transmitir-se* novamente, contrariando assim, o conceito de que a história cultural do homem tem início apenas com a convenção da escrita e que, tudo o que não foi registrado não mereça destaque, por não se tratar de uma cultura singular e não poder ser constatada a sua veracidade.

CAPÍTULO III
LITERATURA ORAL E POPULAR

3.1. Narrativas

Nesta análise sobre literatura oral e popular, será priorizado o estudo sobre as narrativas populares, os contos, por ser o tema proposto neste trabalho. Portanto, embora sejam feitas menções a outras manifestações literárias, vale destacar que o objetivo único de fazê-lo, é dar uma direção e um maior esclarecimento ao tema em questão.

Numa análise simples e não muito aprofundada da expressão literatura oral, pode-se atribuir como uma das suas características o caráter popular, já que esta sempre foi uma constante na história e na realidade do povo, e em sua maneira de estabelecer conceitos, normas de vida e manutenção da ordem nos grupos.

A literatura oral e popular, inicialmente foi quase que *imposta* ao homem como o único meio de transmitir conhecimentos sobre as divindades, artes e natureza. Com a convenção da escrita, que se restringia a poucos privilegiados, o conceito *popular* se intensifica, já que as classes baixas em todas as civilizações – artesãos, agricultores, escravos, plebeus – não decodificavam em sua maioria, os signos estabelecidos como *escrita.*

Logo, os ricos elementos literários como as narrativas, preceitos, orações, canções, eram passados de geração para geração. E assim, acontecia nas diversas sociedades, em todas as regiões do planeta, quase que simultaneamente. Por exemplo, as narrativas mitológicas sobre a criação da terra, era algo transmitido oralmente em quase todas as civilizações da

antigüidade: persas, mesopotâmicos, palestinos, fenícios, gregos, egípcios e até mesmo as tribos indígenas americanas, possuíam uma espécie de *conto* sobre a origem da vida. Inicialmente, esses mitos foram impostos por *magos simpáticos,* sábios ou reis, mas foram mantidos e somente se perpetuaram através da *disposição popular* de tomá-los como crença única e suficiente, e repassá-los a seus filhos. Essas narrativas literárias adquiriram assim, a sua essência, já que trazem consigo *fragmentos* da história de cada receptor e emissor.

A literatura oral, principalmente quando manifestada através de contos, é popular exatamente pelo fator então mencionado. Ela constitui uma espécie de *acervo* da memória plural. A sua transmissão pode significar portanto, um contínuo processo de elaboração, ou seja, nunca estarão prontas ou estabelecidas totalmente as suas *regras e normas*, a sua *redação*, pois o receptor passa a ser emissor, dando continuidade a este processo. Assim, a cada transmissão, ela carrega implicitamente a memória, os *trejeitos*, as expressões e sobretudo, a história de vida de cada *co-autor*.

Essas narrativas literárias e populares, bem como quaisquer outros gêneros da literatura oral, podem então ser consideradas a *personificação da memória*, denominada pelos estudiosos como "anamnesis", pois elas resgatam os três tipos de memória: a **proto-memória**, que são os atos involuntários, mecânicos, imediatos e subjetivos, frutos da socialização; a **memória-propriamente-dita** que enfatiza a recordação e o reconhecimento; e a ***metamemória*** que é a representação acerca do passado à luz do presente, ou seja, a crítica aos fatos vivenciados[4].

As narrativas orais e populares, e esta *carga de memórias* que trazem consigo, passam a servir como um mecanismo de formação das identidades pessoais e

[4] PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras do Milênio. 2001. p. 42.

sociais. Provavelmente, através da sua própria subjetividade, cada *co-autor* a impregna de *visões* pessoais e, de seus conceitos sobre determinados fatores. Através do *contar histórias,* cada narrador expressa seu *horizonte de expectativas* enraizando-o no seu espaço de experiência. Contar histórias, narrar uma poesia, uma oração, constitui mais do que um mero ato de emissão ou apresentação, representa um momento de exposição do próprio eu, interação com o grupo social e, ao mesmo tempo, uma comunhão das experiências vividas e identificadas pelo ouvinte e pelo narrador.

Essa partilha entre ouvinte e narrador promovida pela literatura oral, talvez seja o principal *combustível* que mantém acesa a *chama* dessa tradição popular, ou seja, a necessidade de interação e a própria predestinação do homem ao convívio social, afinal, " (...) não se faz história oral por telefone ou por qualquer meio de comunicação que anule a relação direta entre as pessoas" [5]

Assim, é interessante analisar que, gêneros narrativos como contos populares, estão presentes em todas as culturas e nações. Talvez porque constituam uma das formas mais precisas, ou interativas de transmitir conceitos, experiências e crenças. Além disso, a semelhança na estrutura dos contos de cada país, denota o quão populares e encantadores eles são. Houve quem quisesse classificá-los separadamente, atribuindo-lhes categorias como: contos realistas, contos maravilhosos, contos humorísticos, mitos, sagas. Mas, mesmo essas classificações não delimitam ou agridem sua essência que é "a oralidade, a ficticidade, ou seja um relato que não é verdadeiro".[6] Portanto, ocorre uma espécie de *catarse* [7] quando se narra ou se ouve um conto: o indivíduo se transporta à história então contada e se identifica com a mesma, ou a transporta para a realidade na qual está inserido e faz uma espécie de analogia com o seu cotidiano.

---

[5] MEIHY, José Carlos S.B. Manual de História Oral. 2000. p.26
[6] SIMONSEN, Michele. O conto popular. 1987. p. 07
[7] Fenômeno teatral pelo qual, segundo Aristóteles, o indivíduo ao inspirar, por meio da ficção, certas emoções penosas ou malsãs se liberta daquelas que o atormentavam.

Desta forma, este tipo de literatura só perderá o seu caráter, quando este contato direto entre as pessoas não for mais possível, o que não é uma hipótese tão improvável de acontecer, já que atualmente a principal ameaça contra a literatura popular tem sido o afastamento das pessoas e a priorização de outras formas de entretenimento e interação.

Essa ameaça à literatura oral, especialmente aos contos populares, tem sido um ponto constantemente discutido por aqueles que objetivam a sua preservação. A escrita, logo nos seus primórdios, embora servisse como um dos privilégios dos poderosos e uma de suas armas para retenção do conhecimento, também servia como um registro das obras literárias. Ela não simbolizava um instrumento de interrupção da oralidade, pelo contrário, os registros literários dos contos que até então eram passados de *boca em boca*, possibilitaram às novas gerações o resgate da memória cultural de seus antepassados. E embora algumas destas obras tenham sido erroneamente atribuídas a autores mais ilustres, o seu registro despertou uma maior instigação de tais autorias e uma análise mais profunda do contexto à luz do qual foram criadas. Os salmos da Bíblia, uma espécie de oração poética e exortação, são um exemplo desta afirmação, pois embora sejam atribuídos à Davi, a análise do seu registro mostra que eram orações populares, muitas vezes musicadas e depois buriladas para uso repetido.[8]

Atualmente, as iniciativas de reviver a literatura oral, existem e estão presentes nos diversos meios de comunicação. No entanto, a mensagem dos outros programas, a inserção brutal dos elementos estrangeiros, têm chamado à atenção das pessoas que passam a se interessar mais por eles, ignorando sua própria história, suas raízes e sua identidade. Em tantos casos, pelo fato dos contos populares estar sempre remetendo à histórias passadas, eles passam a ser considerados como nostálgicos, saudosistas, velhos... ou seja, num mundo totalmente *informatizado, globalizado, aberto ao novo, moderno,* não há espaço

[8] BÍBLIA Sagrada, Edição Pastoral. 1995. p. 671

para o antigo, afinal, é necessário *inovar sempre*, estar atento às *novas tendências*, e tentar se inserir neste contexto.

Infelizmente, esta situação acontece em uma esfera mundial. Assim, os países que promovem uma maior *abertura* comercial, ou que têm estreitas pendências financeiras com aqueles que possuem uma maior concentração de capital, correm o risco de desintegrar sua cultura e, as narrativas orais, forçadamente acabarão se restringindo ao silenciamento da memória. Devido a isso, a literatura oral e popular ainda é intensa em áreas tribais de países africanos como Líbia, Egito, Tanzânia, Moçambique, e em alguns territórios mais conservadores ou rurais do Marrocos, Itália, Germânia e Albânia, os quais não permitiram uma total invasão das grandes potências em seus limites ou que ainda não se industrializaram completamente. Nestes países, os movimentos de resgate da literatura oral têm grande repercussão, sendo interessante observar que os mesmos visam o seu reconhecimento em quaisquer lugares, já que ao deixar o país, trazem consigo tanto suas memórias quanto seu jeito de ser, seus costumes.

Não pretendemos assim, *atacar* ou atribuir aos meios de comunicação, a *exterminação* das narrativas orais, mas apontar a divulgação destas nestes veículos como uma forma de promover a análise, contemplação e, até mesmo, a contestação destas obras literárias, como ocorreu após o descobrimento da escrita.

CAPÍTULO IV
CONTOS POPULARES

4.1. Estrutura e características

Tendo em vista o exposto, é interessante aprofundar-se na estrutura destas narrativas literárias, para descobrir este *quê* que elas possuem, e por quê tanto prendem à atenção de pessoas diferentes, numa espécie de *hipnose* que consegue através do simples recurso da linguagem, proporcionar emoções tão peculiares a cada ouvinte. O conhecimento das características destas narrativas, proporcionará também, uma melhor compreensão das idéias até então apresentadas.

Estas expressões populares, que fazem parte daquilo que os pesquisadores chamam de *folclore verbal*, têm geralmente as mesmas características de um continente a outro, e embora, como foi citado, essas sejam categoricamente delimitadas, a sua essência e finalidade permanecem. Alguns folcloristas procuram definir os contos populares, utilizando diversos modos de abordagem: temático, estrutural, arquetípico, funcional[9]. Mas, atualmente, a maior preocupação dos estudiosos não é dividi-los em partes, como se a estrutura de um conto se limitasse a um único aspecto, e sim, analisar, mergulhar em seu contexto, na abordagem crítica e criativa, da qual eles são dotados. Sabe-se que, *nesta ou naquela* narrativa predomina um determinado aspecto, no entanto, não é possível *destrinchá-lo* de todo o teor literário, social e cultural que ela carrega, já que estes se completam em todo o enredo.

A divisão dos tipos de contos populares proposta pelo folclorista brasileiro Luís da Câmara Cascudo em sua Literatura Oral (1952)[10] é a melhor classificação e,

[9] SIMONSEN, Michele. *O conto popular*. Martins Fontes. 1987. p.05.
[10] WEITZEL, Antônio H. *Folclore literário e linguístico*. [s.n.] Juíz de Fora. 1983. p.40-41.

a que mais atende ao caráter brasileiro dos contos, na forma seguinte:

- **Contos de encantamento** - que são caracterizados pela intervenção do sobrenatural;
- **Contos de exemplo -** contendo conselhos, o que se deve fazer ou evitar;
- **Facécias** - são contos cômicos;
- **Contos religiosos** - marcados pela intervenção divina;
- **Contos etiológicos** - que visam explicar alguma peculiaridade da espécie animal ou vegetal;
- **Demônio logrado** - onde o demônio intervém e é derrotado;
- **Contos de adivinhação** - que incluem uma adivinhação, um enigma, cuja solução dará vitória ao herói;
- **Natureza denunciante** – em que um ato criminoso é denunciado pelos ramos, frutos, flores ou frutas de uma árvore, pelas pedras, ossos, animais, etc.;
- **Contos acumulativos –** histórias de encadeamento, de ações ou gestos que se articulam numa série ininterrupta;
- **Ciclo da Morte –** são contos da Morte personalizada, em que ela sempre é a vencedora.

Todavia, para um melhor estudo das características destas formas de literatura popular, serão analisadas as duas primeiras tipologias, mesmo por que, há contos que mesclam mais de uma delas, reiterando o que já foi afirmado sobre divisões categóricas destas expressões artísticas.

Os contos de encantamento, mais conhecidos como contos de fadas, são aqueles que, partindo de uma indefinição espaço-temporal, falam de um herói que parte para uma aventura onde se depara com elementos mágicos, e os supera passando a ser reconhecido como tal. Este herói (que pode ser um homem ou mulher), na maioria das vezes, é oriundo de um berço real. Geralmente, por alguma *fatalidade mágica,* esse é desprovido de sua realeza

muito cedo e, somente após grandiosos acontecimentos e feitos, a nobreza lhe é restituída. Estes contos são narrativas populares típicas dos países europeus, que são passadas de geração para geração. Alguns autores passaram a registrá-las e publicá-las, difundindo-as por todo o mundo.

Os principais elementos do enredo de um conto de fadas são:

- Um ou vários heróis, marcados por um nascimento nobre ou trágico;
- A figura do mal na forma de bruxa, ogro, mago, feiticeiro, madrasta e outros;
- Encantamentos ou façanhas que atribuam a *heroicidade* do personagem principal;
- A ajuda de seres mágicos como fadas, elfos, duendes e animais transformados;
- Final feliz com casamentos grandiosos, riqueza para os bons e morte ou pobreza para os maus.

Essas façanhas irreais, arduamente combatidas pelo personagem central e que não se concretizam ou não são solucionadas sem a ajuda do sobrenatural, criam um espaço simbólico onde os significados a nível aparente remetem a outros mais profundos e diários que se colocam à frente do ouvinte e do narrador. As inúmeras provações, podem denotar os problemas que toda pessoa precisa resolver para poder assumir-se como indivíduo. O final feliz, é a expectativa de redenção que todo ser humano marcado pela barbárie e pelas dificuldades impostas pelo tempo, pela natureza ou pela organização social, tem. Assim, " (...) quando o final é frustrante, tem-se a impressão de tratar-se de problema ético cultural, ou moral religiosa".[11]

Além destas comparações, a necessidade do sobrenatural para resolução dos desafios, mostra que o herói é dotado de limitações, ou seja, a narração pretende mostrar que os fracos podem vencer se forem bons, honestos, éticos.

[11] SIMONSEN, Michele. *O conto Popular*, Martins Fontes. 1987. p. 39

Já nos contos de exemplo, tem-se como primeira função que desencadeia a intriga, um delito contra uma norma de caráter social. Há contos brasileiros que estão entre os mais ricos contos de exemplo do mundo, talvez pela vasta pluralidade cultural de seus elementos.

As características principais dos contos de exemplo são:

- O antagonismo constitui o elemento estruturador do conto;
- O herói geralmente é pobre e massacrado por alguma injustiça social;
- Às vezes, não é especificada a origem familiar do herói;
- Alguns, têm como personagens principais animais;
- Geralmente trazem uma lição de moral, assemelhando-se à fábulas;
- Os heróis podem usar de artimanhas e peripécias muitas vezes *não justas* para alcançar seus propósitos;
- Muitas vezes, o objetivo do herói é a *desforra* por alguma ofensa lhe dirigida.
- Podem aparecer figuras religiosas, assustadoras ou lendárias.

Tanto os contos de fadas, quanto os contos de exemplo, por se tratarem de manifestações populares, trazem elementos injustiçados, que sofreram sob as tristes condições do meio, e por isso, são impregnados de uma *ânsia* por felicidade. Ao mesmo tempo, são dotados de conceitos éticos ou de visões estabelecidas pela realidade social da qual emergem.

Por exemplo, nos contos de fadas, as princesas são sempre belas, os príncipes e reis são sempre corajosos e bondosos, as madrastas são sempre más; a pobreza pode significar desgraça, punição, enquanto que, a riqueza e constituir família são sinônimos de felicidade, estabilidade ou premiação pelo exercício do bem; o mal e o sobrenatural podem agir no destino humano, assim o homem está submetido à tais forças. Nos contos de exemplo, o mal e o bem também se confrontam, sendo que o primeiro geralmente é personificado em seres assombrosos, satânicos, animalescos ou humanos. O herói, não é tão *belo*

como os dos contos de fadas, mas é dotado de inteligência e esperteza, e não recorre tanto às forças sobrenaturais. O casamento nem sempre constitui a personificação da felicidade. A riqueza, a eternidade, e a sobrevivência sim. Este tipo de narrativa também é carregado de preconceitos estabelecidos pelo contexto social de seus narradores: as mulheres nem sempre são honestas, o senso de justiça é inferido por uma emissão de juízo de valor, a desforra à uma ofensa, ou seja, a vingança, é uma atitude tolerável.

A estrutura literária de ambos, é dotada de inúmeros recursos lingüisticos. As expressões carregadas de um profundo sentimentalismo, emanam todo um pensamento social, todo um significado. As figuras de linguagem são empregadas abundantemente com o intuito de enriquecimento da narrativa, numa espécie de *licença poética*. Há uma considerável *dosagem* descritiva das virtudes e dos defeitos dos personagens – a bruxa era muito malvada, a princesa era muito boa - para que o ouvinte possa fazer as inferências necessárias para sua personificação e identificação. Não há uma extrema preocupação com regras, e outros elementos normativos, já que o principal objetivo do conto, é a transmissão de uma idéia. Além disso, nos contos populares, de quaisquer tipologias, não há lugar para o preconceito lingüístico, já que devido a transmissão oral, expressões da língua materna são permitidas, enriquecendo mais ainda sua estrutura.

CAPÍTULO V
VÁRZEA DA ROÇA

Como já foi mencionado, os contos brasileiros são de uma profunda riqueza literária, principalmente os contos populares nordestinos. Estes, marcados por um contexto histórico e sócio-econômico bastante acentuado, são o reflexo da memória de gerações sofridas pelo espaço geográfico e pelos marcos da sua história. Além disso, retrata as experiências de sociedades extremamente crédulas e tradicionais. Portanto, serão analisados neste capítulo, alguns contos narrados no Município de Várzea da Roça, destacando que não se trata de uma indiferença às narrativas literárias de outras regiões, mas por acreditarmos que estes contos representam desta forma, a literatura oral brasileira e que são bastante prepostos para esta finalidade.

Assim, será resgatada a memória de todas as gerações que perpetuaram as narrativas orais nesta região, permitindo a sua existência neste século e, valorizando a idéia de que o indivíduo deve conhecer sua história para conhecer-se e criar um sentimento de pertença às suas raízes e sua gente.

5.1. História do Município

A história de Várzea da Roça tem origem em 1945, com a doação que o Sr. José Alves Bastos efetuou de uma área de terra de quatro mil e trezentos e cinquenta metros quadrados ao Senhor José Coelho. Em janeiro de 1946, foi feito o loteamento dessa área e os lotes foram doados a pessoas interessadas que ali iniciaram a formação de um povoado. Antes dessa divisão, situava-se nesta área a Fazenda Várzea da Roça, que tinha este nome por localizar-se perto de uma lagoa, popularmente conhecida como *Lagoa da Roça.* Nesta fazenda, o Sr. José Bastos executava atividades agrícolas e comercializava com

os tropeiros que ali passavam, algumas mercadorias como: pó de palha, sementes, frutas da estação e outros.

Alguns interessados afirmam que o Município tem raízes indígenas (Programa Universidade Solidária), outros, acreditam que, no Período Colonial, bandeirantes tenham passado pela localidade por uma estrada que ligava regiões próximas à Mairi até Jacobina, no entanto, ambas não possuem evidências históricas constatadas e, a história mais conhecida é a então apresentada já que testemunhas vivas da mesma ainda estão presentes na região para assegurar a sua veracidade.

A primeira feira livre realizou-se em 15 de dezembro de 1946, sendo que a primeira missa foi celebrada em 10 de setembro de 1950 pelo Pe. Francisco Freitas. O primeiro jogo de futebol foi realizado em 06 de agosto de 1950.

O povoado era pertencente ao Município de Mairi, mais conhecido na época como Monte Alegre. Até o fim da década de setenta, os varzeanos eram conformados com essa dependência, mas a partir da década de oitenta, surgem as primeiras idéias de emancipação através da Comissão Provisória de Organização então liderada pelo Sr. Manoel Sales Rios. Aproveitando a *fato* de que a Bahia por uma questão política começara a atender os pedidos de emancipação dos municípios, foram iniciadas as lutas por independência organizando reuniões na sede e nos pequenos distritos e motivando a realização de um plebiscito. Finalmente, e, de acordo ao disposto na Lei nº 4.401, de 25 de dezembro de 1984, publicada no Diário Oficial de 26 de fevereiro de 1985, foi criado o Município de Várzea da Roça, tendo como primeiro Prefeito Municipal, eleito pelo voto direto, o Sr. Manoel Sales Rios, atual gestor de Várzea da Roça, que assumiu o cargo após algumas pendências eleitorais, que parecem ser uma constante na história política desta Cidade.

5.2. Aspectos Geográficos

O Município localiza-se no Piemonte da Chapada/Norte, região do semi-árido baiano, numa distância de 290 km da Capital do Estado. Ocupa uma área de 548 Km2, em que vivem 13. 627 habitantes. Destes, 45,7% vivem na zona urbana e 54,3% na zona rural. Limita-se com os municípios de São José do Jacuípe, Capela do Alto Alegre, Quixabeira, Mairi, Várzea do Poço e Serrolândia.

A região apresenta solo do tipo latossolo vermelho-amarelo distrófico e planossolo solódico eutrófico, ou seja, a mesma possui uma aptidão regular para a lavoura. O relevo apresenta características acidentadas, destacando-se morros, vales e outros, com altitude média de 350 acima do nível do mar.

A vegetação é composta de caatinga, com concentração de ouricurizeiros nativos, riqueza natural da região, ignorada e mau aproveitada no Município, razão pela qual vem sendo catastroficamente destruída. Na parte Norte/Sul , a vegetação é formada por florestas e pastagens, cobrindo uma área de 10.000 hectares.

A hidrografia é composta de rios, açudes e riachos, destacando-se o Rio Jacuípe e a Barragem São José que são uma grande fonte de riquezas e, atualmente, uma das principais promotoras da agricultura e piscicultura na região, que padece sob a ameaça de secas castigadoras

O Município possui os seguintes povoados e distritos: Morrinhos, Barracas, Campo de São João, Cruz de Almas, Várzea do Meio, Poço do Quilombo, Várzea da Praia e Lagoa das Pedras. Provavelmente serão denominadas

povoados ainda neste ano, as comunidades de Capoeira do Milho e Fazenda Jurema.

5.3. A economia

A base da economia do Município concentra-se nas atividades da agropecuária, sendo feijão, milho e pecuária mista. Destaca-se como uma das principais atividades econômicas do Município a cadeia produtiva da mandioca, da qual origina-se a farinha da mandioca, com mercado comprador nos municípios circunvizinhos e o mercado fornecedor na cidade de Várzea da Roça. O Município conta com quatro indústrias nos ramos de fubá e farelo de milho, farinha e tapioca. Além desses, dispõe de laticínio, confecção de roupas, etc.

As atividades empresariais do Município de Várzea da Roça são realizadas por 74 unidades empresariais, onde a de bar é a mais numerosa com vinte e quatro por cento do total de empresas desse setor, sem haver registros específicos dos pequenos pontos comerciais como vendas e barracas que se distribuem em todo o Município. Esta realidade comercial é classificada como boa pelo SEBRAE – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado da Bahia – que atua no Município.

A feira livre, que acontece às segundas-feiras, constitui uma das atividades econômicas mais importantes e, nela são comercializados diversas mercadorias, desde pequenos animais a produtos importados, alimentos, artigos do vestuário como roupas, sapatos e outros. Por ainda não estar organizada em seções para cada modalidade de mercadoria, já que esta é uma meta do SEBRAE e da Prefeitura Municipal, a feira de Várzea da Roça ainda é algo bastante interessante e, chega a ser uma espécie de laboratório para estudo dos traços culturais varzeanos, pois mistura diversos elementos e tipos característicos do Município, como: vaqueiros, pequenos produtores, crianças que vendem

pássaros ou picolés, doceiros, quituteiras, baianas do acarajé, vendedores, curandeiros, músicos, artesãos e até mesmo charlatões com suas pomadas *milagrosas*. Assim, ela constitui um local que dar espaço à criatividade, simplicidade e à espontaneidade deste povo humilde em seu trabalho

Vale lembrar, que a economia varzeana dispõe da importante colaboração de parcerias como o SEBRAE, a CAR (Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional), a EBDA (Empresa Baiana de Desenvolvimento e Ação Regional) e, do trabalho da UNAVAR – União das Associações de Várzea da Roça – entidade mantida pelas associações, Prefeitura local e Ongs, que objetiva motivar o associativismo na região. Infelizmente, este órgão não dispõe de toda a parceria necessária para dar continuidade às atividades e atualmente vem perdendo sua representatividade na região já que não dispõe de recursos financeiros para atender à todas as necessidades do Município.

5.4. Infra-estrutura

O Município está interligado às malhas federais, estaduais e municipais, destacando a estadual como principal via de acesso e escoamento da produção. Conta com um sistema de transporte rodoviário.

O sistema de comunicação compreende 300 linhas telefônicas, 50 telefones públicos e uma 01 emissora de rádio.

São ligados à rede de distribuição de água 1.628 domicílios, correspondendo à 72% do total. Segundo dados do último senso do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no que se refere ao tratamento do lixo coletado, 88,73% dos domicílios têm o lixo coletado de forma direta e 11% de forma indireta. Os demais dão outros destinos ao lixo.

Com relação aos aspectos de segurança, existe uma única delegacia, sendo esta especializada em direito do consumidor, defesa da mulher, infância e adolescência, furtos e roubos, acidentes e delitos de trânsito e apoio ao turista.

Quanto a educação primária, o Município conta com 4.313 alunos matriculados, sendo 338 no pré-escolar, 704 nas classes de alfabetização. No ensino fundamental há 3.719 e no ensino médio 270 alunos. O número de estabelecimentos de ensino em 2000 era de 44 escolas, sendo 42 públicas. Destas, 27 não dispõe de energia elétrica. Há o Programa de Extensão da UNEB, sendo que foram formados 70 professores em 2001 e atualmente foram aprovados mais 100 para continuidade do Projeto.

O sistema de saúde do Município conta com 05 postos de saúde e 01 Hospital Municipal com especialidades em ginecologia, pediatria, odontologia, pré-natal, imunização e planejamento familiar. Na área odontológica, possui um posto de atendimento. Além destes serviços, conta com o Programa de Agente Comunitário da Saúde que atendeu em 2001, a 12.788 pessoas, correspondendo a 93,84% da população.

5.5. Administração

A administração pública é constituída pelo Prefeito e quatro secretarias que abrangem as dimensões: educação, saúde, administração e Assistência Social. O Município conta com onze órgãos públicos que atuam no Município sendo seis municipais, três estaduais e dois federais.

Existem trinta e sete associações, e funcionam diversos fóruns e conselhos: Fórum da Cidadania, conselhos de saúde, educação e outros.

Os principais programas sociais existentes são:

1) Cesta Básica de âmbito Federal, com 1.381 famílias atendidas
2) Bolsa Escola, de âmbito Federal com 621 famílias atendidas
3) Bolsa Renda, de âmbito Federal, com 947 famílias atendidas

Além destes serviços, a comunidade conta com o trabalho voluntário de entidades religiosas como a Igreja Batista que trabalha com a distribuição de alimentos, e o trabalho da Pastoral da Criança, através dos líderes comunitários e das Irmãs Franciscanas do Sagrado Coração de Maria, que promovem o combate à desnutrição infantil e a assistência às mães carentes.

5.6. Cultura e Lazer

Várzea da Roça é dotada de uma grande riqueza cultural, embora desconhecida por muitos e não tão valorizada pelos seus habitantes. Além disso, a própria paisagem varzeana é propícia para inúmeras atividades e eco-turismo:

- A Lagoa da Roça é uma das belezas que serve como atração turística;
- O Monte do Jacaré, situado próximo ao Povoado de Campo de São João e o Monte dos Morrinhos, situado no povoado do qual recebe o nome, são belas paisagens e locais interessantes para a prática de rappel, ioga e escalada;
- O Rio Jacuípe é uma área visitada por turistas das regiões circunvizinhas;

O Município conta com o Centro Cultural Honório Tomellin e sua Biblioteca, uma quadra esportiva e um campo de futebol. Tem como principais festejos: O Carnatal em dezembro; a Festa do Trabalhador, em maio; e os festejos de São José, em março.

A população em sua maioria é católica, sendo que a população evangélica frequenta as igrejas Batista, Adventista, Cristã do Brasil, Presbiteriana, Universal do Reino de Deus, Pentecostal, Testemunhas de Jeová e Assembléia de Deus.

É interessante observar o preconceito existente em relação às culturas populares, já que o senso não as classifica como patrimônio cultural, assim estão esquecidas dos dados do censo e dos dados do SEBRAE, as manifestações populares como: bandeira, boi roubado, quebra do ouricuri, cirandas, celebrações sincretistas como ofertas a São Cosme e Damião, reisados, rezas, sambas e outras.

5.7. O mundo real e imaginário da Literatura oral e popular Varzeana

As narrativas orais varzeanas, em sua maioria, não podem ser classificadas puramente como de exemplo, de encantamento, nem *desta ou daquela* tipologia, pois a carga de elementos e características de cada tipo de conto se misturam dando origem a um rico enredo:

> " O vaqueiro ia caminhando pela estrada, quando encontrou um rato e uma formiga que brigavam por causa de comida. O vaqueiro parou e deu um pedaço da comida para cada um dos dois e seguiu adiante (...) Depois de todo o acontecido, o vaqueiro voltou muito triste para sua casa. Porém, tornou a encontrar o rato e a formiga, que lhe perguntaram por que ele estava tão cabisbaixo. O vaqueiro contou então sua tristeza, por causa que não havia se casado com a princesa. Estes bichinhos resolveram ajudá-lo, e assim, a formiga montou no rato e foi ao castelo falar com o rei. "[12]

[12] A princesa emudecida, conto popular sergipano ouvido em minha infância e contado pelo vaqueiro João Gomes que trabalhava na fazenda do meu avô.

É interessante observar como há uma mistura de elementos europeus com elementos brasileiros nesta narração: a princesa aparece juntamente com o vaqueiro. Além disso, é difícil fazer um destrinchamento do conto e classificá-lo, pois há uma espécie de encantamento, já que a princesa perde a alegria num certo dia, havendo também a ação de animais na história, que interferem no seu curso, o que se poderia qualificar como contos de animais.

Os contos também se flexionam a partir do meio social em que são transmitidos. Portanto, é interessante analisar a presença de tais elementos, já que Várzea da Roça está *muito longe* de elementos reais como princesas e monarcas. Alguns estudiosos afirmam que os contos nordestinos foram aperfeiçoados de alguns contos trazidos sobretudo da Península Ibérica.[13] Assim, elementos grandiosos como os palácios, foram substituídos pelos engenhos de açúcar, pelas fazendas de gado, permanecendo contudo, na figura do dono do engenho, da fazenda, ou do coronel, o mesmo *status* econômico e social do rei.

Isso mostra a capacidade verbal e a versatilidade dos contadores varzeanos de relacionar as estruturas sociais de poder. Por exemplo, aparecem algumas emissões de juízo de valor implícitas nas atitudes dos personagens de cada narração. Logo, os grandes fazendeiros surgem como centralizadores do poder, e possuidores de atitudes muitas vezes injustas para com os mais humildes, o que mostra uma certa indignação e protesto dos *vencidos* nas *entrelinhas* dessas histórias. O contrário acontece em outros casos, nos quais, o pobre passa a ser dono da fazenda, ou a possuir grande rebanho, mostrando a continuidade desse sistema de poder e a adesão *dos vencidos* a essa estrutura, denotando uma certa conformidade com a então conjuntura social.

Em outros casos, os elementos religiosos surgem como protetores dos homens Igreja nesta região, mostrando a ação misericordiosa dos santos ou divina sobre

[13] SIMONSEN, Michele. O conto popular. Martins Fontes. 1987. p. 55

aqueles que neles confiam. Mostram também, a triste falta de perspectiva desta gente em encontrar uma solução concreta para os problemas que surgem a sua frente, os quais somente serão revertidos sob a ação de algo não terreno, sobrenatural. Este é o enredo do Auto da Compadecida,[14] obra inspirada na literatura de cordel, que por sua vez, foi inspirada em contos populares, que mostra a redenção de pecadores pela misericordiosa intervenção de Nossa Senhora. Outros personagens como o demônio ou anjos, também são presentes nos contos varzeanos, reafirmando a influência da Igreja Católica e portuguesa, pois são os mesmos elementos das obras teatrais de Gil Vicente[15], que também se inspirara nos medos e nas atitudes do povo.

A natureza também exerce um papel importante nestas narrativas. Os animais, os pássaros, as plantas também participam dos enredos e agem no curso da humanidade, ou transmitem preceitos. Esses elementos provavelmente são oriundos das crenças indígenas, até mesmo dos seus totens e lendas. Afinal, o encantamento de uma princesa em determinada ave ou flor, é algo muito similar as mutações do boto-rosa, da iara, do cabeça- de-cuia.

Em alguns contos varzeanos, a vitória aparece com um *sabor* de desforra, como se o fraco ali representasse toda uma classe massacrada pelas injustiças sociais. Os heróis destes contos, são sempre cheios de malícias e astúcia suficiente para reverter as situações de desvantagens. Assim, escravos conseguem iludir capatazes, e *magrelos amarelados* como Pedro Malazarte, Canhão, João Grilo[16] e Bocais[17] enganam coronéis e altas autoridades, sejam elas eclesiásticas, reais, militares ou governamentais.

---

[14] Obra literária do paraibano Ariano Suassuna, na qual alguns pecadores são salvos do inferno graças a intervenção de Nossa Senhora

[15] Teatrólogo português, autor de obras como O auto da barca do inferno e A farsa de Inês Pereira.

[16] Heróis típicos da literatura oral nordestina. João Grilo foi *literalizado* por Ariano Suassuna em o Auto da Compadecida.

[17] Bocais é o personagem principal de contos muitas vezes cômicos ou obscenos bastante populares em Várzea da Roça, o qual consegue enganar figuras ilustres como reis ou fazendeiros.

Estes personagens são marcados por idéias geniais, fugas espetaculares e devoção extrema a elementos religiosos.

A oralidade sempre marcou a saga varzeana. Os elementos regionais traduzem o jeito de ser deste povo marginalizado. Contar histórias não significa apenas um momento de enunciação, de proferimento, de um mero lançamento de palavras. No *narrar histórias,* a criatividade é despontada e, as opressoras ações das forças superiores são vingadas. Por que as histórias de cangaço cativam tanto as crianças e os jovens nordestinos? Por que as proezas de Bocais são tão reverenciadas? Talvez, por que retratam a memória dos vencidos e cria nos ouvintes um sentimento de pertença em relação a estes feitos. No ato de narração do conto, no carregar dos gestos para expressão e intensificação das idéias propostas, os varzeanos celebram suas próprias dores, derrotas e vitórias. Isso não somente nos contos, mas em quaisquer expressões da literatura oral.

As expressões regionais, os elementos agrestes acentuam as características dos contos varzeanos. Figuras como a comparação, a metáfora, as onomatopéias e a hipérbole dão ênfase as ações e personagens do enredo. A linguagem clara e pura propicia a assimilação e apreensão da mensagem ora transmitida. Outros elementos poéticos são empregados, já que alguns contos são dotados de *chavões* rimados, ou de versos e pequenas quadrinhas, que possibilitam a riqueza do ato narrativo.

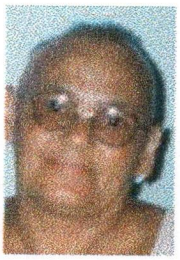
Percebe-se assim, a pluralidade cultural destas narrativas orais remanescentes da história das três etnias principais do Brasil e do Nordeste. As ações dos personagens de cada conto, não são frutos do acaso, nem meros feitos extraídos de uma inspiração qualquer, mas sim, são pedaços da memória de um povo marcado pelo sofrimento, pela invasão e roubo da sua cultura, pelas marcas de uma submissão e coerção dos elementos de poder. São a consumação de todo um processo histórico, o qual influenciou gradativamente a

conjuntura social, o pensamento, os costumes e os conceitos destas gerações. Portanto, essas narrativas orais populares varzeanas são uma fonte inesgotável de valores emancipatórios e pertencentes a sua gente.

5.8 - Contos Varzeanos – análise.

Anexos

O Bode e a Onça



O bode foi fazer uma casa. Era o bode e a onça. Aí a onça, aí o maca... o bode disse assim:

- Eu vou fazer uma casa.

Aí foi lá e olhou o chão. E o bode saía num dia e a onça no outro. Aí o bode disse:

- Ah não! Meu Deus! Vou fazer a casa.

Era de dois em dois dias. A onça saía dois dias, o bode saía dois dias. Aí agora ele marcou o chão. A onça falou:

- Eu vou fazer a casa.

Chegou lá, achou o chão, o chão limpo.

- Êta! Deus tá mim ajudano! O chão já tá limpo.

Aí infincou os pau, os isteio. Foi embora, aí o macaco chegou... o bode chegou:

- Oh! Deus tá mim ajudano. Deus chegou e colocou os isteio!

Aí vai, um bota uma coisa e o outro coloca outra. Aí feiz a casa, aí faltava a cama. Aí feiz a cama: botou quatro furquia, botou uma vara.

- Isso aqui é a minha cama. Eu venho tirar um soninho na minha cama...

Aí quando o bode chegou na cama, tá a onça deitada. (pausa) Porque cada vez que chegava, Deus tá me ajudano e fizero a casa rápido, porque um pegava, o outro fazia outra. E a onça deitada. E agora?

- O que eu vou fazer com essa onça? Pra sair da minha cama?

Ele pegou uma corda e começou a amarrar a onça no pé da cama. Aí pegou no pé da onça pra amarrar a corda no pé da cama. A onça gritou:

- Êta bode bobo! Em vez de amarrar o meu pé no pé da cama, amarrou foi o pau.

Aí o bode que nem um bobo, foi lá, soltou o pé da onça [risos] e amar...[risos] o pau. Aí, quando bode discunfiou, a onça tava levantando e pernas pra quê te tenho! Aí correu, correu, correu e nada da onça pegar o bode. E o bode... aí chegou o tempo da seca (pausa) e o bode disse:

- E agora o que é que eu vou fazer?

Aí di... disseram:

- Só tem água lá na fonte da onça.

- E o que é que eu faço pra beber lá?

Eles disse:

- Não tem nada não.

Ia passano um homem assim com uma cabacinha de mel. Ele pulou assim na frente do homem, o homem deixou o cabacim de mel quebrar. Ele se lambuzou no mel. Chegou nas folhas secas, se lambuzou lá nas folhagens e foi beber lá no tanque da onça. Lá bebeu, bebeu e a onça:

- Oi amigo folhagem! Você viu é... é... amigo, amigo bode por aí?

Aí ele bebeu água, bebeu água.

- Não vi não! (pausa) Aí bebeu muintas vezes, aí as folhas caiu, o mel secou. E agora pra eu beber água? Aí ele disse: Agora eu vou estudar. Olhou, pegou, mijou num barro vermelho, feiz uma lama com o próprio mijo dele. Eu vou agora me lamiar nesse barro vermelho e vou beber a água da onça.

E lá ficou todo vermelhinho. Aí a onça:

- Ei, amigo vermelhinho! Viu o amigo bode por aí?

- Não vi não. E agora o que é que eu vou fazer? Istudou, istudou. Agora o que é que eu vou fazer para beber água lá na fonte da amiga onça?

E istudou, e passou e a sede aumentou e o bode disse:

- É, das folhas já fui. Do barro já fui. O que fazer? Mais eu vou assim mesmo. Aí ele istudou, istudou (pausa) aí agora ele disse:

- Vou mijar aqui e vou mim sujar de carvão.

Aí ficou todo pretinho. E lá se foi. Aí a amiga... aí ele bebeu, bebeu e encheu a barriga, aí falou:

- Agora eu vou passar uns trinta dia sem beber água.

A amiga onça:

- Ei, amigo pretinho! Você viu amigo bode por aí?

Quando ele terminou de beber água, ele disse:

- Amigo pretinho? É seu amigo bode, amiga onça.

E perna pra quê te tenho. Até hoje corre menino! Ah! eu vinha da roça, tu num sabe? O bode passou correno com medo da onça. Pode ter certeza. Qui tac, qui tac, qui tac... ali é o pobre do bode correno da onça. Até hoje o pobre do bode corre com medo da onça. Até hoje corre.

Entrou no pé do pato,
Saiu no bico do pinto
E disse que é pra você contá cinco

Izaldite Reis Rios, 51 anos, varzeana, 28 de setembro de 2002. JUC.

O Coelho e a Onça

No tempo das atividade... que o cuelho, a onça queria comer o coelho, porque diz que o cuelho era pequeno, mais era sabido, e a onça era graúda e não sabia de nada. Aí disse:

- O que é que faiz que eu quero pegar a amiga onça?

A onça disse:

- Eu quero pegar o amigo cuelho.

Diz que fazia uma reunião e a onça não ia. A onça ia e o cuelho não ia. Era assim. Aí (pausa) conde foi um dia... botaram que prá cortá a orelha do cuelho que diz que era pra apresentar a Nosso Senhor. Aí eles fizero uma festa lá num lugar que diz pro mode o cuelho. Aí disse:

- Nós vamo fazer uma festa. Nós vamo chamar amigo cururu, chamar amigo rato, chamar eles tudo que era pra nóis ir pegar o cuelho.

Aí fizero a festa. Passaram a mão num pandeiro e entregaro aos sapos pra bater, e aquele trovejo. Aí agora um chegava na porta e saía fora pra cantar uma cantiga, aí sai

fora e cantava uma cantiga que diz pra mode o cuelho vim. Aí tinha uma lagoa na porta, diz que a coisa muinto, muinto bunita e aí diz que cantava uma cantiga do jacaré, e aí diz que dizia:

Todo mundo tá na festa, jacaré também,
Todo mundo tá na festa, jacaré também!

E aí, tudo batia parma, diz que tava ali, diz que tava alegre na festa. E aí diz que outro saía lá e dizia:

Todo mundo tá na festa, amigo cuelho não,
Todo mundo tá na festa, amigo cuelho não!

Diz que é pro cuelho vim para ele arrancar a orelha. E aí cada quem cantou a cantiga. Mandaram o rato cantar e agora disseram quem tava, aqueles cumpanheiro que não tava, os outros dizeno uma alua, porque os cumpanheiro não tava. Aí o rato chegou e dizia:

Todo mundo veio na minha função, só jacaré não,
Todo mundo veio na minha função, só jacaré não!

Aí agora botaro o cururu pra cantar; aí diz que o cururu batia parma e cantava:

Bapingaê bacunã

E os outro respondia:

Tetê manguarê

Diz que tudo batendo parma:

Bapingaê bacunã
Tetê manguarê

É a cantiga do cururu. É por isso que diz que o cururu tem a cantiga bunita, diz que é porque cantava:

Bururuuuuuuu, bururuuuuuuu

Então pelejaram o que puderam e cuelho não chegou. Aí quando acabou, ma...diz que foram avisar o cuelho. Aí disse:

- Ô amigo cuelho, você sabe o que se deu?

Aí ele disse:

- Sim!

Disse amiga onça:

- Nóis fizemo uma festa . Que amiga graudona, bunita é a amiga onça e nóis fizemo uma festa e amiga onça não veio, cantemo tanto pur ela. E tá onde?

-Tá morta, lá dijunto de uma aguada que tem lá, disseram.

Aí eles chegaro lá na beirada daquela aguada que ela tava morta, que os urubu tá tudo beirano para cumer ela morta. Daí diz que o cuelho disse:

(pausa)

- Eu vou lá espiar.

Aí diz que o cuelho passou onde tinha cortado um uma abelha e se esfregou todinho de mel e aí diz que chegou num lugar que tinha umas folhas e se melou, se sujou todinho nas folhas, se esfregou na folha, as folhas pegou tudinho nele assim, saiu naquela lambuza pra puder ir na água beber que a onça tava lá dizeno que tava morta. Mais o cuelho toda vida diz que tinha atividade:

- A amiga onça tá dizeno que tá morta que é pra eu ir lá pra ela me pegar.

Aí agora ele chegou bebeno a água e a onça lá deitada, mais ele não sabia que tava morta, mais ela diz que esperano por ele. E aí diz que ele bebeu a água e de cá ele olhou. E cabou diz que disse. A onça diz que de lá disse:

- Oxem amigo cuelho tô lhe cunhecendo, amigo folhagem. Amigo folhagem tô lhe cunhecendo. Que vês que tanto me olhais?

Quer dizer que tava prestano atenção a ela. Mais diz que onça toda vida era tola:

- Ei amigo folhagem! Que tanto bebeis, que tanto me olhais?

E aí diz que quando o cuelho tava fazendo a boca para beber, diz que ela levantou e inchou, virou por cima do cuelho e cuelho pá, e saiu nadano, correu, até sair nas árvores. Aí foi onde, isso foi meio-dia, de noite, fizeram a festa. Aí disseram que a onça

tava morta, aí nos outro dia, ficou tudo dizeno que a onça tinha murrido de noite pra mode ir olhar. Aí diz que o cuelho chegou lá dizeno, todo cheio de folha, aí ela chamou o amigo folhagem, é por isso que ele tem o nome de amigo folhagem. É por causa dessas folha que ele ponhou. Aí diz que perguntaram:

- Amiga onça será que morreu mesmo?

- Morreu, tá morta. Olha cuma tá?

Aí diz que chegou perto dos outros que perguntaram:

- Você me diz uma coisa aí?

E olhano a onça também no meio do grupo. Diz que tava tudo.

- Oxem, a amiga onça quando morreu será que ela bufou? [risos]

Aí os menino disse:

- Não!

Aí pois disse:

- Se ela não bufou não morreu, porque quando morre tem que bufá.

Aí diz que quando disse assim da onça, ela deu um bufo. E agora a onça se estrondou todinha e onça deu um urro de peido [risos] diz que ele disse:

- Isso é o que eu queria, porque eu nunca vi quem tá morto bufá.

Aí correram, até limpar caminho, aí foram se embora. A onça levantou, disse:

- Não tem jeito pra matar amiga onça.

Maria Madalena de Jesus, 61 anos, varzeana, 13 de outubro de 2002. JUC.

Os contos ora apresentados, são contos de animais. Ao começar os contos, percebemos que as contadoras não situam tempo ou espaço onde se passaram os acontecimentos. Tratam-se de fatos que não foram registrados historicamente, mas que ficaram na memória.

Percebemos que os contos trazem como protagonistas sempre os animais mais dóceis e fragilizados. A onça, apesar de ostentar toda a força e supremacia, se limita a esses dois aspectos. Ela subjuga a esperteza de animais como o coelho

e o bode, que não dispõe de tantos atributos físicos, mas fazem uso da audácia e astúcia para livrar-se de tais perseguições.

Ambos os contos, apesar de possuírem títulos e protagonistas diferentes, apresentam alguns pontos de encontro como:

- A onça é a antagonista das duas narrativas;
- Há uma coincidência interessante nas estratégias utilizadas pelos protagonistas das duas histórias;
- Não há um final eliminador do mal – onça – nas duas histórias, denotando a contínua batalha dos humildes contra os poderosos.

Essas narrativas são bastante similares ao conto indígena tupi *O veado e a onça* e a versão cearense *A onça e o bode* [18] difundida em todo o Nordeste. O segundo conto é classificado por Silvio Romero, em seus Contos Populares do Brasil, como conto de origem indígena e, esta análise pode ser fundamentada através dos elementos da natureza que aparecem na narração como: o mel, as folhas, o carvão, o barro e, sobretudo, através da versão *O coelho e a onça,* na qual aparecem resquícios da linguagem tupi, interessantemente cantados pela narradora:

Bapingaê bacunã
Tetê manguarê

Além destes fatores, há uma forte expressão poética no narrar da primeira contadora: ela ao final da história, usa uma espécie de *trocadilho* rimado para dar ênfase e motivar a continuação do ato narrativo, além de tentar convencer o ouvinte da veracidade da história, dando um testemunho do seu encontro com o personagem – o bode.

[18] CASCUDO, Câmara. Contos Tradicionais do Brasil. 2000. P. 206

O casamento da lagartixa com o camaleão

No tempo que os bicho falava que aí foram fazer o casamento da raposa, dos calango, da lagartixa.

Aí a lagartixa era noiva do camaleão. Aí quando chegava era pra modi o povo dizer que ela era bunita, não era pra dizer que ela era feia não, era pretona, uma comezona bem graúda. Aí quando ela chegava, um na porta que dizia que ela era bunita. Que dizia: mais a noiva de Seu Camaleão é bonita! Que dona Lagartixa era bunita, ela dava cem conto, porque diz que pagava pru povo dizer que ela era bunita. Aí ele saiu contano que tinha ido lá e tinha dito que ela era bunita que ela dava cem conto.

Tum, tum, tum, tava batendo na porta, na porta, quando ela sai era ela pagano pro povo dizer que ela era bonita, para o Camaleão casar com ela. Aí sei que formaram o casamento, chegou o dia de casar. Aí (pausa) colocaram os aprontamento para fazer o casamento do camaleão com a lagatixa, e aí o camaleão disse:

- É, no dia de levar os terno da roupa para fazer, quem quer ir levar sou eu, que é pra eu explicar como é que eu quero a minha roupa.

Aí disseram... colocaram o camaleão na frente, ele saiu rastano o cabão no caminho [risos] e foi para a casa do alfaiate pra ver a roupa. Aí chegou lá, a lagatixa encomendou o vestido dela todo bem arroxadinho, todo bunitinho que era para ela esconder o cabo, não era pra ver que ela tinha cabo não. Mais o camaleão, diz que o uniforme dele era todo apertadinho com uma cova aqui, bem no pé do pescoço, ajeitado. Ficou aquele papo por cima da roupa. Aí atrás, disse que era pra deixar uma vaga, que era pro cabo dele sair pra fora. [risos]

Bem assim fizeram, fizeram um chapéu pra botar na cabeça do camaleão, aí ele encomendou que não queria o chapéu dele fundo não, que era pra fazer o chapéu dele raso. Aí fizeram um bunéu assim, raso, aparecendo a copa da cabeça assim ó... aí ele tá nos retrato e chapéu na cabeça só assim, ó, só no coco da cabeça e ele pegado com a lagatixa. Casou com a lagatixa, mas quando pediu para deixar o cabo de fora, ele caminhando e cabo de fora, mais a lagatixa mandou cubri o dela, fazer um vestido bem cumprido que não era pra mostrar o cabo.

[risos]

E casou, não descubriu que ela era feia, pintaram ela toda bunita e ela ficou toda bunita. O bicho ficou todo verdão, bunito também. Deu muito certo o casamento deles dois.

Maria Madalena de Jesus, 61 anos, varzeana, 13 de outubro de 2002. JUC.

A Mãe da Lua

Era só a mãe da lua que ia casar, mas ela só aparecia ao noivo de noite. O noivo só via ela de noite. Ela com uma roupona cumprida, o rabão cumprido. Toda jeitosa, sentadinha lá, e o noivo diz:

- Como é bunita a minha noiva! Com a roupa cor da noite, ela é tão linda!

Tá certo, mas só via ela quetinha, caladinha, sem ela dizer nada. Daí arrumaram pra casar. Aí casaram e no orto dia, foro imbora pra casa. Aí agora quando saiu, que ele olhou para ela, a roupa suja, diz que cor da noite, a roupa enferrujada. Aí ele disse:

- Eu já tô achano minha noiva feia. Que a roupa dela de noite tava bunita, cor da noite, e hoje tá assim, cor do chão. Ela tá muito feia hoje. Quer que vai dá?

Aí diz que ficou calado, ficou, ficou, foi ficando triste e olhando pra ela. Ela lá sentada com o rabão, calada, sem dizer nada. É um passo, é um pássaro. Mas ia casar com o curujão, com os zóião oiava, virava pra ela com aqueles zoião de prata. E aí ela lá sentada, sem dizer nada, calada. Do meio pra o fim, quando ela tava sentada, aí ele olhano prá ela de cá, com raiva, porque o vestido dela tava feio. Aí ela que abriu a boca:

- Uanrammmm!

Na hora que ela abriu a boca, que diz que ela tem a boca grande, o povo diz que ela tem a boca grande. Quando ela abriu a boca, diz que a boca veio nos ouvido, aí agora que ele olhou pra boca diz que disse:

- Vige! Como a minha noiva tem a boca feia! [risos] E aí diz que levantou, correu até cabá de sumir. Não quis saber de vim onde tá a mulher, porque diz que tinha a boca grande! [risos]

Maria Madalena de Jesus, 61 anos, varzeana, 13 de outubro de 2002. JUC.

História da Corujinha

Era uma vez, diz que tinha uma festa, né? Não sei aonde era essa festa. Aí um convidado convidou a coruja para ir a festa, ela disse:

- Eu não posso ir porque não tenho roupa.

Então os passarinhos disseram:

- Umbora, amiga coruja, que eu lhe empresto...uma peninha de cada um de nós, mas quando chegar lá você devolve?

Ela disse:

- Devolvo sim.

Aí foro a festa, bagunçaram prá lá, vortaro, quando chegaram aqui:

- Ô amiga coruja, eu quero a peninha de volta.

Aí ela disse:

- Mais uma peninha? Vocês tudo vistido, tanta roupa? Ainda exige uma roupa?

- Não! Quero de volta!

Ela disse:

- Depois eu dou.

Aí ela num deu nunca mais, aí ela fica cantano:

Amanhã eu vou, amanhã eu vou!

Ela nunca entrega a peninha. Amanhã eu vou, e nunca entrega a peninha. Aí ela ficou noturna, se ela sair de dia, os passarinho pega ela e mata ela pra entregar a roupa. E

ela só sai de noite, aí ficou como noturna, como se fosse noturna, né? De dia os passarinho gira e não vê ela, de noite ela sai, amanhã eu vou e nunca vai e nunca entrega.

- Ói eu, ói eu.

Amanhã eu vou e quando os passarinho chega, ela se esconde.

[risos]

Maria Oliveira Gomes, 60 anos, varzeana, 13 de outubro de 2002. JUC.

Os contos *A mãe da Lua, a Corujinha e o Casamento da Lagartixa com o Camaleão* têm em comum o aspecto da vaidade. A *Mãe da Lua* personifica o velho ditado *à noite todo gato é pardo,* ou seja, apresenta uma beleza inigualável durante a noite, a qual é desmascarada durante o dia. Além disso, ela em um período se mantém séria, não mostrando sua verdadeira *face*. A descoberta da real expressão da noiva, leva o marido a fugir, apesar do mesmo não ser tão belo.

Na outra narrativa, a Lagartixa paga para ser considerada como bela, ou seja, para aumentar o seu ego, com isso esconde seu aspecto grotesco e, não se aceita como realmente é.

Na terceira narrativa, a corujinha, preocupa-se com a aparência e, com a falta de trajes adequados para uma festa, por isso, mesmo tendo penas, apodera-se das penas das demais aves para sentir-se bela.

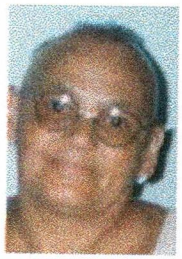
Esses personagens pagam um alto preço para satisfazer a exigência de ter uma boa aparência física. Mentem, enganam, gastam e dissimulam para obterem tal *status*, no entanto sofrem consequências por tais atos: a Mãe da Lua é abandonada pelo marido, a corujinha torna-se noturna porque se sair durante o dia corre o risco de ser morta e, a lagartixa é a única que se dá bem nessa

história, mesmo porque, o seu marido, o camaleão, não tem preconceito contra uma *cauda*, pois ao fazer o seu traje ele ostenta a sua como um atributo a mais, logo, quando descobrir a da noiva, provavelmente não irá desprezá-la tanto, pois será algo comum entre ambos:

(...) *Aí atrás, disse que era pra deixar uma vaga, que era pro cabo dele sair pra fora. [risos]*

A sociedade atual cultua a beleza e impõe padrões de comportamento. Percebe-se hoje, centenas de pessoas escravas da moda e dos novos conceitos de beleza, que se mutilam com cirurgias plásticas, que pagam caro pelos lançamentos da estação, que sofrem e *ralam* nas academias e que dependem de produtos *mágicos* para que se *transformem* em príncipes e princesas, esquecendo de investir no intelecto e valores realmente importantes. Como os bichos das histórias ora apresentadas, se tornam vazios e dominados pela ânsia de ser diferente, ou melhor que os demais.

O caçador



Uma veiz, o caçador não tinha nada dentro de casa, aí chegou lá e encontrou um cuelho. Aí matou o cuelho, mais o cuelho num ficou morto não. Escute bem, que é essa história é engraçada (pausa). Aí levou o cuelho pra casa e chegou lá e disse:

- Ô mulher, o que eu achei hoje na caçada foi esse bicho aí! Aí a mulher pegou o bicho e botou embaixo do cesto.

- Ô criançada, não vai dijunto deste cuei...desse bicho aqui, que eu vou botá água pra quentá, prá depois eu isfolar ele. Aí disfarçou, rapaz, e o cuelho tava vivo. A meninada foi lá:

- Vamo vê o bicho lá, debaixo do cesto.

Quando suspendeu o cesto o cuelhinho tava vivo e perna pra quê te tenho. E aí agora, e o home disse:

- E agora pra eu pegá esse cuelho? (pausa) O que é que a gente vai comer hoje? Aí evai, evai. Chega lá adiante (pausa) tá, tem um buraco. Ele olha: O cuelho tá aqui.

E aí correu, correu e achou o amigo cuei de novo. Leva o amigo cuei pra casa:

- Ó bicho aqui, vocês não deixa esse bicho escapulir. Deixa o bicho aí dentro do cesto e não deixa menino chegar perto.

Aí deixaro o cuelho lá, e foi fazer o mesmo processo, botar água no fogo. Isso pensano que o cuelho tava morto e o cuelho tava vivo. E aí passou hora, passou hora e o cuelho morreno de fome:

- E agora o que é que eu vou fazer? Vão me matar ou eu vou morrer de fome. O que é que eu vou fazer?

Aí vai outro menino danadinho, traquino, suspende o cesto e o cuelho foi, foi embora. Perna pra quê te tenho.

Menina se eu te contar que eu prantei uma roça de feijão de corda e o cuelho todo dia vai lá comer meu feijão de corda. Tá minha filha, até hoje o cuelhinho tá vivo, escapou da morte. Foi com certeza. [risos]

Izaldite Reis Rios, 51 anos, varzeana, 28 de setembro de 2002. JUC.

Este conto não apresenta grandes artimanhas do coelho, ou do homem; não há encantamentos, nem magia. O único fato fabuloso é que em um dado momento o coelho menciona algumas palavras. Na verdade, é uma espécie de relato de sobrevivência entre um caçador faminto e uma caça persistente em não morrer, graças ao auxílio de um moleque travesso, curioso e teimoso. A autora desta análise, chega a pensar que, esta narrativa pode ser um mero fato verídico vivenciado pela narradora e, que a mesma, o contagiou de fantasias para entreter suas filhas, pois não há um herói específico, nem grandes feitos, ou ainda, nenhuma lição de moral, já que, nem as crianças são punidas pelas travessuras cometidas.

Além disso, como já fizera em outros contos, a narradora tenta convencer o ouvinte de que os personagens são reais e, até hoje travam contínua batalha entre si:

(...) *Tá minha filha, até hoje o cuelhinho tá vivo, escapou da morte. Foi com certeza. [risos]*

História do Papagaio

Um dia o papagaio ia andando pelo pasto aí sujou o pé de cocô de boi, aí disse:

- Capim, limpa o meu pezinho?

Aí o capim falou:

- Não!

Aí falou:

- Boi come o capim, pro capim limpar o meu pezinho! Aí o boi falou:

- Não!

Aí ele foi a... a... faca.

- Ô faca fura o boi, pra o boi comer capim, pra o capim limpar o meu pezinho!

Aí a faca falou:

- Não!

Aí a furmig... o papagaio foi ao homem.

- Aí... homem, quebre a faca, pra faca furar o boi, pro boi comer capim, pra o capim limpar o meu pezinho!

Aí o homem falou:

- Não!

Aí foi ao rei.

- Seu rei, (pausa) prenda o homem, pro homem quebrar a faca, a faca furar o boi, o boi comer capim pra o capim limpar o meu pezinho...

O rei falou:

- Não!

Aí foi à rainha:

- Ô sua... sua rainha des... separe a cama do rei, pra o rei prender o homem, pra o homem quebrar a faca, pra faca furar o boi, pra o boi comer capim pra limpar o meu pezinho!

Aí a rainha falou:

- Não!

Aí ele foi ao rato.

- Ô seu rato, roa a roupa da rainha, pra rainha apartar a cama do rei, pra o rei prender o homem, pra o homem quebrar a faca, pra faca furar o boi, o boi comer capim pra eu limpar o pezinho...

Aí o rato falou:

- Não!

Aí ele foi ao... ao gato.

- Ô gato coma o rato, pro rato roer a roupa da rainha, pra rainha apartar a cama do rei, pra... rei quebrar a faca... [risos] pra o rei prender o homem, pra o homem quebrar a faca, pra faca furar o boi, pro boi comer capim pra limpar o meu pezinho...

Aí o gato falou:

- Não!

Aí foi ao cachorro.

- Ô cachorro pegue o gato, pra... rato... pra o gato comer o rato, pra o rato roer a roupa da rainha, pra rainha apartar a cama do rei, pra o rei prender o homem, pra o homem quebrar a faca, pra faca furar o boi, pra o boi comer capim, pra limpar o meu pezinho!

Aí o cachorro falou:

- Não!

Aí ele foi ao pau:

- Ô seu pau, bata no cahorro, pra o cachorro pegar o gato, pra o gato pegar o rato, pra o rato roer a roupa da rainha, pra a rainha apartar a cama do rei, pra o rei prender o homem , pra o homem quebrar a faca, pra a faca furar o boi, pra o boi comer capim pra lim...par o meu pezinho...

Aí o pau falou:

- Não!

- Aí ô seu fogo, (foi ao fogo) queime o pau, pro pau bater no cachorro, pra o cachorro pegar o gato, pra o gato roer a reoupa... pra o gato pegar o rato, pra o rato roer a roupa da rainha, pra a rainha [risos] apartar a cama do rei, [risos] pra o rei prender o homem,[risos} pra o rei prender o homem, pra o homem quebrar a faca, pra a faca furar o boi, o boi comer capim, pra limpar o meu pezinho.

Aí o fogo falou:.

- Não!

Aí foi a chuva.

- Ô Dona chuva, apague o fogo, pro fogo queimar o pau, pra o pau bater o cachorro, pra o cachorro pegar o gato, pra o gato pegar o rato, pra o rato roer a roupa da rainha, pra a rainha separar a cama do rei, pra o rei quebrar... pra o rei prender o homem, pra o homem quebrar a faca, pra faca furar o boi, pra o boi comer capim pra limpar o meu pezinho.

Aí a chuva falou:

- Não!

Aí ele foi ao sol.

- Ô sol é... (pausa) seque a chuva, pra chuva apagar o fogo, pra o fogo queimar o pau, pra o pau bater o cachorro, pra o cachorro pegar o gato, pra o gato comer o rato, pra o rato roer a roupa da rainha, a rainha apartar a cama do rei, pra o rei prender o homem, pra o homem quebrar a faca, pra a faca furar o boi, pra o boi comer capim pra limpar o meu pezinho.

O sol falou:

- Sim!

Aí falou... aí a chuva falou:

- Ô seu sol! Não me seque não que eu apago o fogo!

- Ô chuva! Não me apague não que eu queimo o pau!

Aí o pau falou:

- Ô Dona chuva! Não me queime não que eu bato o cachorro!

Aí o cachorro falou:

- Ô pau! Não me bata não que eu pego o gato!

Aí o gato falou:

- Ô seu cachorro! Não me pegue não que eu como o rato!

Aí o rato falou:

- Ô seu gato não me coma não que eu rou a roupa da rainha!

Aí a rainha falou:

- Ô seu rato! Não roa a minha roupa não que eu aparto a cama do rei.!

Aí o rei falou:

- Ô rainha! Não aparte a minha cama não que eu prendo o homem!

Aí o homem falou:

- Ô rei! Não me prenda não que eu quebro a faca!

Aí a faca falou:

- Ô homem! Não me quebre não que eu furo o boi!

Aí o boi falou:

- Ô faca! Não me fure não que eu como o capim!

Aí o capim falou:

- Ô boi! não me coma não que eu limpo o pezinho!

Nivalda Silva Santos, 33 anos, varzeana, 19 de outubro de 2002. JUC.

Percebe-se que o conto trata-se de uma narrativa acumulativa, ou seja de encadeamento. Apresenta como protagonista um papagaio doce e fragilizado, o que pode ser constatado pelo fato de não conseguir sozinho limpar o seu pezinho. Cada elemento que aparece no conto como os objetos e seres da natureza tem, aparentemente, vontade própria, ou está submisso numa espécie de *hierarquia* de poder. Além disto, uma ação desencadeia outra, numa certa *sincronia* de fatos e, a ruptura deste sistema, pode gerar graves consequências para todos os envolvidos, exceto o papagaio e o sol, que constitui a força maior.

Autoridades ilustres como o rei está abaixo de seres menores ou situações como o ato de ter sua cama separada pela rainha – o que simboliza o fim de um matrimônio, que antes era considerado uma blasfêmia contra Deus. Por outro lado, a rainha, submete-se a ação do rato – roer a sua saia, ou seja o traje real

BIBLIOTE... DA
R 177
UNEB
AG0104

danificado, a sua aparência prejudicada perante a corte, e redimida a sua figura a de uma mulher comum como as outras, que tem medo de ratos. Além destes fatores, analisando através de uma visão lógica, os únicos seres realmente insubordinados são os naturais, como o sol, que não há força humana ou tecnologia que o controle.

As ações são executadas sob elementos de coerção: o capim só agiu sob a pressão de elementos superiores. O papagaio sabe que só será ajudado quando forças maiores coagirem as menores, por isso que ao ter o auxílio negado, o mesmo se dirige a um superior. Esse sistema de poder é comum em diversos segmentos sociais, onde um está sempre submetido à posição de outro, principalmente nos órgãos públicos, onde geralmente uma mera decisão depende do deferimento de um poder maior.

A prosopopéia é empregada abundantemente, já que seres inanimados como a chuva, o fogo, a faca têm atitudes e vontades próprias. Esse ato narrativo implica numa precisa memorização do enredo, afinal, o esquecimento de um único item, afeta o desenrolar da narrativa. Essa espécie de conto é muito comum na Europa, principalmente na Alemanha, onde as estruturas reais e hierárquicas eram bastante acentuadas, o que pode ser constatado através do famoso conto *O Pescador e sua esposa* [19] que possui um enredo semelhante.

A Tartaruga e o Urubu

Era festa no céu e aí o urubu pediu uma carona pra... pra...não! A tartaruga aliás, pediu carona pra o urubu pra ir a festa no céu, né? E quando ela chegasse no céu, (pausa) ia participar da festa, mas o urubu muinto egoísta disse que não dava a carona pra tartaruga e aí ela disse:

[19] Clássicos da Infância, Contos de Grimm. 1992. p .67-78

- O que eu vou fazer pra eu ir? Ele voa, mas eu não consigo voar. Como é que eu vou nessa festa?

Aí o urubu ia levar uma viola. A tartaruga pensou:

- Eu vou me esconder dentro da viola.

Aí o que fez? Entrou dentro da viola, o urubu vôo com a viola. Quando chegou no céu, a tartaruga tava na festa, né?

[risos]

Aí o urubu disse:

- Ô amiga, como você veio pará aqui?

Aí ela disse:

- Não importa, eu usei a minha cabeça.

Mais na hora de sair, ela disse:

- E agora? O que é que eu vou fazer? Ela não pudia dizer ao urubu, porque se dissesse, o urubu não ia deixar ela entrar de novo na... na... viola. E então ela ficou quieta e urubu muito esperto também percebeu, mas ficou ali olhando, mais disfarçou e ela entrou de novo na... na... viola.

Quando chegou bem alto, vinha voando, saindo da festa, a tartaruga esqueceu e falou:

- Rai! Que amigo urubu é fedido!

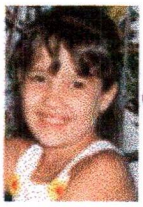
Aí o urubu disse:

- Ah! Você tá aí, sua mal agradecida! Eu te levei, tô lhe trazeno, você ainda me chama de fedido!

Aí jogou ela do alto. Foi isso que ela caiu no chão e se espedaçou. Aí contava a minha mãe que Nossa Senhora pegou e juntou ela e emendou toda. E ela ficou toda os pedacinho, toda dividida.

Maria de Lourdes Barreto de Oliveira, 53 anos, varzeana, 13 de outubro de 2002. JUC.

História do Bem-te-vi



Aí foi assim... o bem-te-vi tava lá com seus cinco filhotes. Aí veio a raposa:

- Bom dia Sr. Bem-te-vi!

- Ra.... Bom dia amiga raposa!

- Que tá fazeno aí?

- Cuidando dos meus cinco filhotes.

- Jogue um aqui, que eu tô com fome.

Aí fa... não! Aí...

- Se você não jogar, aí eu subo aí e como você e seus cinco filhotes.

Aí joga!

Aí no outro dia, veio...

- Boa tarde amigo bem-te-vi! Amiga raposa...

- O que tá fazeno aí?

- Cuidano dos meus quatros filhotes.

- Joga um pra mim.

- Não!

- Se você não jogar, eu subo aí e como você e seus quatro filhotes.

Aí joga!

Aí no outro dia de novo! A mesma coisa. Aí joga o terceiro filhote.

Aí agora no outro dia... segundo...

- Bom dia amiga raposa! O que tá fazeno aí?

- Cuidano do meu segundo filhote.

Ah... peraí... ah...

- Eu tô com fome, joga um pra mim!

- Não!

- Se você não jogar, eu subo aí e como você e seus dois filhotes.

Aí joga!

Aí no outro dia, tá lá o bem-te-vi triste, só com um filhote. Aí vem a... o ... sabiá, aí fala:

- Bom dia amigo sa... bem-te-vi!

- Bom dia amigo sabiá!

- Por... Por que que você tá tão triste assim?

- Porque a amiga raposa comeu os meus quatro filhotes.

Se foi besta! Raposa vai... não... ah!... pera aê... aí ...foi assim:

- Comeu os meus quatro filhote, se eu não jogasse, ela subia aqui e comia meus filhotes e eu comigo e agora....

- Você foi besta, raposa não in... inclina ni pau.

Aí agora fez assim...

- Então amanhã eu acerto ela!

Aí quando ela chegou... aí no outro dia chega a raposa.

- Bom dia amigo bem-te-vi!

- Bom dia amiga raposa! E aí?

- Tô cuidano de meu filhote.

- Joga um pra mim, se não eu subo aí e como você e seu filhote.

- Ah! Você me enganou, agora eu... não jogo não, que a... o amigo sabiá contou que raposa não inclina em árvore.

Aí falou:

- Eu pego o sabiá!

Aí agora, ela pegou o milho e botou e o sabiá veio pra comer e ele foi e comeu, o sabiá entrou na boca e foi mostrar ao bem-te-vi. Aí o bem-te-vi falou:

- Logo você amigo sabiá, que é tão esperto!

Aí agora ele falou assim... sabiá falou assim:

- Correu minha amiga raposa!

- Não é de sua conta!

Aí quando ela foi falar, o bem-te-vi saiu voando e escapou.

Ana Paula Miranda dos Santos, 11 anos, varzeana, 19 de outubro de 2002. JUC.

Os contos acima são bastante populares no Brasil, principalmente a narrativa que traz em seu enredo a luta de uma pequena tartaruga desprovida do poder de voar, que deseja ir para uma festa no céu. Considerada pelos índios como

um animal paciente e resistente, a tartaruga é entre os mesmos, a representação da sabedoria e persistência, ainda que o conto a apresente como um animal de caráter aparentemente ingênuo.

Estruturado de forma a trazer uma lição para o ouvinte, o conto da tartaruga é quase uma fábula, onde o exemplo da inocência e da *afiada* língua da mesma a faz pagar um preço muito alto, característica inconfundível do conto de exemplo, onde os sentimentos humanos são personificados nos animais para que os homens os tomem como exemplo e reflitam sobre suas ações.

Em situação de desvantagem em relação ao seu opressor é nos braços de Nossa Senhora que o pequeno animal encontra a salvação, percebendo-se desta forma, um traço forte da cultura européia a busca da vitória nos elementos da religiosidade cristã, uma vez que este conto tem sua origem nesta cultura e traz como heróis outros animais. Assim nos reportamos a literatura de Cordel *literalizada* por Ariano Suassuna, onde o mais fraco, bobo, calejado e sofredor encontra uma nova oportunidade de vida no milagre da Virgem Maria.
O mesmo não acontece na variante do conto indígena O *urubu e o sapo,* onde o mesmo é jogado das alturas e cai sobre pedras despedaçando-se. Nisto está a explicação para o sapo ser tão achatado e feio.

A ingenuidade do bem-te-vi e a esperteza da raposa, como retrata a segunda narrativa analisada, surpreendentemente inverte o antagonismo que tanto está presente nos contos de animais, onde o animal fragilizado sempre é astuto, e o detentor da força física sempre é desprovido da esperteza e agilidade. Nesta narrativa, percebemos que o poder de persuasão da raposa é muito grande diante da ingenuidade do bem-te-vi, pois esta estando em situação de desvantagem acaba convencendo o mesmo a jogar sua própria ninhada no propósito de saciar a fome da outra.

Como o protagonista é desprovido das qualidade de herói (esperteza, astúcia, audácia), é preciso a intervenção de outros seres para que o mesmo possa livrar-se da força opressora que o incomoda. Neste exemplo surge um personagem que dá uma nova perspectiva a narrativa e desmascara o antagonista. O mesmo sofrerá as consequências por esta tomada de posição - o lugar do herói.

Essa tomada de identidade consagra o terceiro personagem – o sabiá, como novo herói. Assim, o conto se encerra não com uma ardente luta entre o bem e o mal, mas com a fuga de um dos rivais, o sabiá.

Outro aspecto interessante e notado em quase todos os contos de animais, é a forma de tratamento utilizada: amiga ou amigo. Essa forma de tratamento é usada tanto do protagonista para o antagonista e vice-versa. Por exemplo, a raposa que devora a ninhada do bem-te-vi é tratada como amiga pelo mesmo. Isso não se trata de uma ironia, mas de uma cortesia que permeia os contos de animais.

Os três porquinhos

Um feiz a casa de paia, o outro feiz a casa de... com um pedacinho de madeira e o outro feiz a casa de tijo... aí foro na cas de pai...

Aí o lobo:

- Abre a porta se não eu sopro na casa de paia. Deu um assopro, a casa caiu!

Fugiru pra onnnnnnnnde?

Pra lá, pra outra casa e aí o lobo... pra... pra... de madeira, aqueles correu, a de pedaço de madeira. Aí depois o lobo:

- Abre a porta se não eu dou um assopro. Deu, foi lá quebrou, estourou! Aí ... (pausa), a casa caiu. Foi pra casa de?

De tijolo, aí depois o lobo foi:

- Abre a porta se não eu dou um assopro.

Aí deu um assopro, a casa não caiu, aí ficou tão com sono que foro durmir e depois deitaro... levantaro e foi comer. O lobo madou eles abrir a porta, quan... quando tava comendo, aí ele foi... aí foi, saiu lá na floresta e a mãe gritou:

- Filho! Não vá pra lugar longe!

Aí... aí... depois, eles foi e aí o lobo enguliu tudinho... num ficou nenhum... mais e aí, a mãe percurou, percurou e não achou mais nenhum e aí a mãe ficou tão triste.

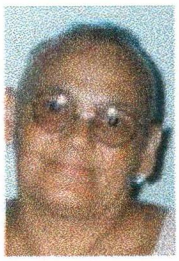
Na maioria das narrativas, a figura do mal é castigada com punições de morte, desprezo, mutilações e solidão. Como na maioria dos contos há vitória dos mais hábeis, espertos e desestimulados, esta narrativa quebra a expectativa de um final feliz, já que este é bastante trágico. Talvez, o objetivo do narrador em dar uma consequência grave para a desobediência dos porquinhos, seja o de levar o ouvinte a refletir sobre a importância da obediência e do respeito aos mais velhos ou, para mostrar que o bem nem sempre será o vencedor nas batalhas travadas, que o mal tem poder e pode sobressair-se em situações diversas.

Essa versão dos *Três Porquinhos,* com o seu fim trágico é bastante similar a narrativa de Chapeuzinho Vermelho do parisiense Charles Perrault[20], que permite a morte trágica da inocente menina desobediente, diferente das outras versões que a mesma não é devorada pelo lobo.

Janaína Silva Maia, 06 anos, varzeana, 20 de outubro de 2002. JUC.

[20] Clássicos da Infância, Contos de Perrault. 1992. p. 11-13

A menina e o pezinho de repolho



Vou contar só uma historinha bunitinha da menina do pé de repolho.

Eva tinha um filha e judiava muito da filha. Aí...aliás..errei...apaga tudo...que eu vou comecei do meio.

Era assim, uma mulher casou com um homem e o homem tinha uma filha e judiava muito a filha, e ela depois de passar um tempo teve uma filha e a filha do homem chamava Maria Burraeira e botou o nome da filha dela também Maria, mas a filha dela era Maria Princesa, dizeno ela. Mas o que aconteceu? Né? Nessa história , eu acho assim... que é muito importante, no fim você vai ver que tem muito significado.

Aí a menina cresceu e tudo, e ela judiava muito, e ela judiava muito da menina. Um certo dia, a menina tava molhando um pé de repolho no quintal e lá viu um buraquinho no pé de repolho, né? Nesse buraco ela foi molhando, molhando e cresceu, e ela desceu nesse buraco, embaixo ela achou... uma casa, três irmãs e lá as mulheres tinham saído e tava o cachorro... e o cachorro com fome , todo bichinho com fome, as pranta seca, as panela seca no fogo queimando tudo. Aí ela ajeitou tudo, tudo em volta tava sujo. Limpou tudo, de dicumer aos bichinho, molhou as pranta, feiz tudo. Aí chegou em casa as donas da casa. Chegou em casa, ela se escondeu atras porta do medo. Aí ela, a moça chegou em casa e falou assim:

- Mais Mana! Quem tanto bem nos feiz que nasça uma estrela de ouro na testa. Aí quando ela passou a mão na testa, (a Maria Burraeira que tava atras da porta) quando passou a mão na testa tinha uma estrela de ouro. Aí... e aí, a outra irmã do meio disse assim:

- Nem...Mais mana! Quem tanto bem nos feiz, que cuspa ouro. Ela cuspiu ouro, umas pedrinha de ouro.

Aí a outra irmã disse assim:

- Mais mana! Quem tanto bem nos feiz que nasça um sapato de ouro nos pés.

Ela olhou, tava o sapato de ouro nos pés. Aí ela disfarçou ali, e saiu correndo, chegou em casa. a madrasta ficou doida.

- Mas minha filha, o que foi que você feiz? Ficou uma coisa e outra com a menina. É pra você mim contar, pra Maria ir, pra Maria ficar rica, pra Maria ficar bunita.

E foi aquela coisa toda com a Maria. É Maria pra lá e Maria pra cá. E Maria contou:

- Não, foi simpre. Eu moiei o pé de repolho, apareceu um buraco e eu desci no buraco, saí numa casa... E aí contou tudo o que tinha lá e o que ela fez.

Aí ela disse:

- Eu vou mandar a minha filha.

Mais se a filha era preguiçosa, não fazia nada e era mimada pur ela... Aí o que aconteceu? Ela prantou um pé de repolho, molhou esse repolho e aí até que apareceu um buraco. Chegou lá e feiz tudo ao contrário: a panela tava queimano, ela deixou; os...as coisa tava suja, ela sujou mais; cagou dentro de casa, mijou; feiz tudo. Bateu nos cachorro, bateu nos gato. Aí se escondeu atrais da porta, aí as irmã da mulher chegou, as três moça. Aí ela falou assim:

- Mana! Quem tanto mal nos fez, que nasça um chifre de cavalo na testa!

Aí nasceu um chifre de cavalo na testa. Aí a outra:

- Mana! Quem tanto mal nos feiz que cuspa instrume de cavalo!

Ela cuspiu instrume de cavalo. E aí vai a outra e diz:

- Mana! Quem tanto mal nos feiz, que nasça cascos de cavalo nos péis!

Aí ela correu tava com casco de cavalo nos péis. Disfarçou, saiu, chegou lá na casa chorano e a mãe:

- O que foi?

Aí é que condenou a outra Maria, achano que Maria que feiz, que recebeu tudo de bom, que era a errada. Que a parte certa era a filha dela. E aí castigou a filha dela.

E aí entrou no pé do pato,
Entrou no pé do pinto;
E aí entrou no pé do pato,
Passou no pé do pinto
Saiu no bico do pato de novo
E é pra você contar quatro.

Izaldite Reis Rios, 51 anos, varzeana, 28 de setembro de 2002. JUC.

Esta variante é oriunda das narrativas européias. Por se tratar de um conto de encantamento, há a interferência de elementos mágicos para amenizar o sofrimento dos protagonistas. A saga de uma enteada humilhada por uma madrasta perversa, que inveja seus atributos físicos, se perpetua ao longo dos séculos, afinal, Maria Borralheira têm as mesmas dores de Branca de Neve e Cinderela, e tem o mesmo destino – um final feliz e próspero. Além disto, Maria Borralheira é prestativa como as outras citadas: Branca de Neve arruma a casa dos sete anões sem mesmo conhecê-los, Maria Borralheira também faz o mesmo para com as três moças. Isso acentua a característica de que o bom é serviçal, prestativo e extremamente piedoso. A Maria Princesa, é caracterizada como má e preguiçosa, para isso, a narradora exagera na adjetivação, mostrando esta como um ser impiedoso, maquiavélico e desumano para com os animais, isso mostra um preconceito da narradora e uma delimitação de papéis – toda mulher tem que ser trabalhadeira e *boa dona de casa* para ser boa.

Todas estas personagens sofrem com a ausência de uma figura paterna, ou seja um protetor. Além disto, as madrastas têm o poder absoluto já que não há nenhum homem para comandá-las. Isso pode ser um resquício de uma visão bastante machista e patriarcal de que a mulher enquanto liderança não tem um senso de justiça, é perversa e orgulhosa. O conto *As fadas* de Charles Perrault[21], mostra o mesmo enredo de Maria Borralheira e enfatiza a perversidade da mulher enquanto chefe de família. O *Maria Borralheira,* coletado por Sílvio Romero[22], também apresenta a mulher como vil e traiçoeira, levando Maria a necessitar da interferência de Jesus Cristo para resolução dos seus males.

Outro aspecto interessante é a expressão *vai nascer um chifre de cavalo na testa*. Ora, cavalo não tem chifres, o único eqüino que possui um chifre na testa é o mitológico unicórnio, uma espécie de cavalo alado, ou encantado dos contos europeus.

[21] Clássicos da Infância. Contos de Perrault. 1992. p. 65-68
[22] ROMERO, Sílvio. Contos Populares do Brasil. 2000. p.105-111

História do Zanzarim

Tinha um home, tinha uma mulher, tinha três filhos... tinha duas filha. Aí nunca deixou a filha ver... ver... um rapaz... Aí a menina:

- Antônia vá pra fonte. E Antônia foi pra fonte. Chegou lá, o passarim tava cantano:

E evem Antônia aculá,
Vem ver Zanzarim cantar,
Vem ver, vem ver,
Vem ver Zanzarim cantar

Aí ela ficou lá, aí o marido:

- Maria vai atras de Antônia, Maria que Antônia foi pra fonte e nunca vortou. Aí Maria foi, quando chegou lá, tava Antônia lá oiano. Aí o passarim disse:

E evem Maria aculá,
Vem ver Zanzarim cantar,
Vem ver, vem ver,
Vem ver Zanzarim cantar

Aí a véa:

- Mas marido, Antônia foi pra fonte e não vortou. Ah! Eu vou atras.

Aí ela foi, chegou lá, o passarim:

E evem a véa aculá,
Vem ver Zanzarim cantar,
Vem ver, vem ver,
Vem ver Zanzarim cantar

Aí o véi:

- Mas e... as menina foi, a mulher foi, nunca vortou. Eu vou atras. Aí ele foi, chegou lá o passarim:

E evem o véi aculá,
Vem ver Zanzarim cantar,
Vem ver, vem ver,
Vem ver Zanzarim cantar

Aí o véi chegou lá e ficou oiano também. Aí saiu um rapaz e casou com Antônia que chegou primeiro. Aí o rapaz, o passa..., o rapaz aparece....o rapaz, era o rapaz o passarim e aí agora casou com a Maria... com a Antônia que chegou primeiro... e aí acabou a história.

Clamência Silva Santos, 60 anos, varzeana, 13 de outubro de 2002. JUC.

O zanzarim é um rapaz que fora enfeitiçado e transformado em pássaro. Com seu canto, ele conquista as pessoas, enfeitiçando-as. Isso nos reporta a algumas narrativas indígenas, como a lenda do Boto rosa, ou a lendária história nordestina do Pavão Misterioso, nas quais alguns jovens passam por uma espécie de metamorfose, muitas vezes sem uma explicação, ou tempo determinado. Além destes, alguns contos europeus apresentam príncipes e princesas transformados em aves e, que só se libertam do encanto com o matrimônio, como na narrativa *O Corvo* dos irmãos Grimm[23], na qual uma princesa transformada em ave será desencantada com um casamento.

Padrões de comportamento da época estão implícitos na narrativa: a moça nunca tinha visto um rapaz, fator que nos leva a uma idéia de aprisionamento. A jovem atende o modelo patriarcal de sociedade, saía apenas para afazeres domésticos e por isso se encanta com algo diferente da sua realidade, o contato

[23] Clássicos da Infância. Contos de Grimm. 2000 p.25-31

com um rapaz. No mesmo sistema estão seus pais e irmã, presos à raízes, ao lar e aos condicionamentos históricos. A moça casa-se por ter chegado primeiro que a irmã, tanto por ser a primogênita, como já por possuir a idade adequada.

Dom Marcus

Aí o home era cego, aí tinha uma filha feme, aí ela disse:

- Meu pai, eu vou caçar remédio pra seus olhos.

Aí ele disse:

- Não vá não, minha fia é muier.

- Mas eu vou. Aí foi na roça, pegou um cavalo, aí se apertou todinha, aí montou o cavalo. Aí chegou na casa de um home, aí tinha um rapaz. Aí quando o rapaz viu ela... aí o nome dela era Marcu, aí ela botou... pra Marta, aí chegou lá e disse:

(Nesse momento a narradora percebe que errou a história)

Ah! Já errei....

O nome dela era Marta e ela botou pra Dom Marcu... ô Senhor! Aí agora ele apaixonou e entrou lá dento e disse:

Eu morro mamãe, eu morro
Eu morro de paixão e de amor
Os olhos de Dom Marcu é de mulher
O sembrante dos olhos de Dom Marcu
É preto mais é matador
Sembrante de Dom Marcu é de mulher
Não é de home não.

Ela disse:

Meu filho se tu quer ver
Se ele é mulher não é home
Tu chama ele vai na loja passiar
Se ele for mulher, nas vistas é de se apegar.

Ele foi:

- Dom Marcu, vamo na loja passiar?

- Vam bora !

Aí quando chegou lá ele correu logo... o rapaz correu logo na fita e disse:

- Êta fita bunita pra uma moça botar no cabelo!

- Êta espora bunita de um rapaz comprar!

Aí agora vortou.. que, aí quando chegou em casa, o rapaz falou pra mãe:

Eu morro mamãe, eu morro
Eu morro de paixão e de amor
Dom Marcu por ser celadino
Nas espora se apegou
Os olho de Dom Marcu
É preto mais é matador
Sembrante de Dom Marcu é de mulher
Não é de home não.

Aí a mãe disse:

Meu filho se você quer ver
Se ele é mulher não é home não,
Mais tu chama ele vai no jardim passiar
Se ele for mulher, na rosa é de se apegar.

Aí ele:

- Umbora no... no jardim passiar?

Ele disse:

- Vamo!

Chegou lá, ele correu nas rosas:

Êta rosa bunita de uma mulher botar no cabelo!

Aí ele disse:

- Êta cravo bunito de um home botar no peito!

Aí vortou pra trais. Aí quando chegou tornou dizer a mãe:

Eu morro mamãe, eu morro
Eu morro de paixão e de amor
Dom Marcu por ser ladio
Nos cravo se apegou
Os olho de Dom Marcu
É preto mais é matador
Sembrante de Dom Marcu é de mulher
Não é de home não.

Aí a mãe disse:

Meu filho se ele é mulher
Não é home não,
Mais tu chama ele bota a janta pra jantar
Se ele for mulher, no assento mais baixo
Vai se assentar.

Aí preparou a janta, botaram o assento alto, outro baixo, chamou Marcu:

- Umbora cumer.

Aí ele chegou, o assento mais alto que tinha ele se assentou.

Aí ele disse:

Eu morro mamãe, eu morro
Eu morro de paixão e de amor
Dom Marcu por ser ladio
No assento mais alto, ele se assentou
Os olho de Dom Marcu
É preto mais é matador
Sembrante de Dom Marcu é de mulher
Não é de home não.

Aí a mãe disse:

Meu filho se ele é mulher
Não é home não,
Tu chama... tu chama ele vai na fonte
Se ele for mulher, a discupa é de dar..

- Vamo na fonte tomar banho?
- Vamo!

Aí ele disse:

- Eu vou pegar o meu cavalo.

Aí pegou o cavalo, foi pra fonte, quando chegou lá, ele tirou a roupa. O cara tirou a roupa entrou pra dentro d' água, aí ele sortou o cavalo e disse:

- Corre que meu cavalo escapuliu!

Aí o cara saiu de dentro da água e foi pegar o cavalo. Aí ela correu, entrou dentro da água e tirou a roupa, entrou dentro d'agua, tomou banho, acabou de tomar banho que tava se apertano, o cara chegou. Aí quando chegou, ele viu que ela era feme. Aí ela disse:

Honrada eu sai de casa,
Honrada eu quero entrar
Se quiser casar cumigo
É de me acumpanhar.

Aí agora, ela foi embora e o cara enrabou atras e aí terminou a históra. E aí se casaram.

Clamência Silva Santos, 60 anos, varzeana, 13 de outubro de 2002. JUC.

É inegável o discurso machista que permeia todo o enredo. De certa forma, o conto está repleto de afirmativas e ações preconceituosas. Observa-se que

durante a narrativa aparece a tentativa de rotular a mulher como um ser frágil, sensível e delicado, ao passo que o homem está ligado a imagem de decisão e força. Para este fim, são atribuídos à mulher atitudes especificamente femininas como: usar um laço de fita, pegar uma rosa e sentar-se num assento baixo. Essa divisão de comportamento imposta pela sociedade, proposta pela mãe do cavalheiro, permite a elaboração de diversas estratégias para desmascarar o disfarce da mulher.

O Conto de encantamento da moça que se veste de homem e posta a prova, aparece em vários contos europeus: *A afilhada de Santo Antônio* e *A Sardinha* (Portugal), e *La Abijada de San Pedro* (Espanha). [24]

O fato que desencadeia a intriga é a iniciativa da jovem de buscar uma cura para a cegueira do pai. Para sair pelo mundo, ela precisa vestir-se como homem e agir como tal, isso é uma maneira de preservar a sua honra, já que uma mulher que saísse pelo mundo antigamente seria de índole duvidosa, por isso que ela se posiciona quando desmascarada:

Honrada eu sai de casa,
Honrada eu quero entrar
Se quiser casar cumigo
É de me acumpanhar.

Mas, a felicidade da jovem não se consuma com a cura do pai, já que o conto não especifica se ela consegue ou não curá-lo, mas sim, através do casamento com o jovem. Mais uma vez, a felicidade feminina se limita ao casamento e a vida familiar.

[24] CASCUDO, Câmara L. Contos Tradicionais do Brasil. 2002. p. 71

João, José e Mané

Vou contar a história de João, José e Mané... é assim. Tinha um pai que tinha três filhos que era: João, José e Mané. João e José era esperto e Mané era meio preguiçosinho, bobão. Aí o pai mandou que João fosse olhar a roça. Aí chegou lá João olhou a roça, não deixou que nenhum bicho comesse a roça. Aí chegou em casa. Aí no outro dia, o pai pediu que José fosse olhar a roça. José chegou lá olhou a roça e não deixou que nenhum bicho comesse a roça. Aí no outro dia foi Mané, aí Mané chegou lá, preguiçoso dormiu e os bichos comeram a roça. Aí quando chegou em casa, o pai deu a maior bronca nele porque tinha ele tinha deixado os bichos comerem a roça. Aí como castigo, mandou que ele fosse no outro dia. Aí quando chegou lá, ele tirou uma sonequinha e depois acordou. Um cavalo falou assim com ele:

- Posse comer um pouquinho de sua alface? Tô morrendo de fome. Aí ele falou assim:

- Pode, mas só um pouquinho.

Aí foi lá o cavalo e comeu um pouquinho da comida. Aí falou assim com ele:

- Bom, quando precisar de mim, pode chamar: meu cavalo, meu cavalo de bronze!

Aí Mané foi pra casa, lá o pai se retou novamente com ele, porque tinha deixado os bichos comer a roça. Aí mandou que ele fosse no outro dia também. Aí quando chegou lá, ele tirou uma sonequinha, aí veio outro cavalo e falou assim:

- Posso comer um pouquinho de sua roça? Eu viajei estou morrendo de fome.

Aí falou:

- Pode!

Aí foi lá o cavalo e comeu. Aí chegou pra ele e falou assim:

- Quando precisa de mim, pode me chamar: meu cavalo, meu cavalo de prata!

Aí ele falou:

-Tá bom!

Aí ele voltou para casa. Quando chegou lá, o pai é... ele não queria mais ir pra roça e pediu aos irmãos pra ir, os irmão disse que não ia não. O pai disse que era para ele ir, pra ele aprender.

Aí ele vou... foi de novo pra roça. Aí quando chegou lá apareceu outro cavalo. Aí falou assim:

- Posso comer um pouquinho de sua roça?

Aí ele falou assim:

- Pode!

Aí foi o cavalo e comeu, aí quando terminou foi e falou assim:

- Quando precisar de mim pode chamar: meu cavalo, meu cavalo de ouro!

Aí falou:

- Tá bom!

Aí Mané voltou pra casa e quando chegou lá, seus irmãos tavam todo se aprontando. Aí perguntou pra onde os irmãos ia. Eles falou que ia tentar salvar a princesa, que tava presa por um dragão e como recompensa o rei ia dar a mão da princesa. Aí ele isnsistiu, pediu que os irmão levasse ele. Aí falou que não ia levar, que ia fazer os irmão passar vergonha.

Aí ele ficou em casa e os irmão foram. Aí lembrou do primeiro cavalo que tinha pedido comida a ele. Aí falou:

- Meu cavalo, meu cavalo de bronze!

Aí apareceu um cavalo todo de bronze e com uma roupa de bronze. Aí Mané montou no cavalo, vestiu a roupa e foi até onde tava a disputa lá, pra salvar a princesa. Passou pelos irmãos e os irmão falou:

- O que é aquilo? Vocês viram?

Aí tudo bem. Aí os irmão chegaram... chegaram todo mundo lá. Aí todo mundo tentou subir os degraus, onde a princes... o dragão tava. Aí todo mundo conseguiu subir só cinquenta degraus e Mané conseguiu subir cem degraus. Aí todo mundo voltou pra casa, aí quando chegou em casa, os irmão tava comentando:

- Pôxa! Vocês viram aquele homem lá que subiu cem degraus?

Aí Mané ficou só na dele, sabendo que tinha sido ele.

Aí quando foi no outro dia, ele pediu novamente pra os irmãos:

- Me leve com vocês!

Aí os irmão:

- Não! Só pra gente passar vergonha?

Aí ele lembrou... os irmão foram e ele ficou em casa. Aí lembrou do segundo cavalo:

- Meu cavalo, meu cavalo de prata!

Aí apareceu um cavalo todo de prata com uma roupa toda de prata. (Pausa) Aí Mané vestiu o ca... a roupa e foi e montou no cavalo e passou novamente pelo irmão:

- O que foi aquilo?

Aí quando chegou lá na disputa, o pessoal conseguiu subir cem degraus e Mané conseguiu subir duzentos. Aí voltaram pra casa, aí no outro dia... aí eles... ele falou com os irmão novamente:

- Me levem!

Tava a mesma conversa, viu? Só falando do homem que tinha subido duzentos degraus. Aí ele pediu pros irmão levarem ele... levar ele. Aí os irmão:

- Não! Só pra fazer a gente passar vergonha?

Aí os irmão foram e ele ficou em casa sozinho, depois lembrou do terceiro cavalo, aí falou:

- Meu cavalo, meu cavalo de ouro!

Apareceu um cavalo todo de ouro com uma roupa e com um capacete. Aí ele vestiu a roupa, botou o capacete, montou o cavalo e foi, passou pelos irmão bem rápido e os irmão ficou só comentando novamente. Aí quando chegou lá, todo mundo conseguiu subir só cento e cinquenta degrau, Mané conseguiu subir trezentos degraus, matou o dragão e salvou a princesa. Aí chegou, o rei concedeu a mão da filha pra ele casar pela recompensa de que salvasse ela, matasse o dagrão... o dragão. Aí ele tirou o capacete, aí quando tirou o capacete, todo mundo ficou abismado porque jus... Mané o preguiçoso, que podia fazer os irmão passar vergonha que salvou a princesa e ganhou a mão da princesa.

Joseane Silva Santos, 17 anos, varzeana, 14 de setembro de 2002. JUC.

Os três irmãos apresentados nesta narrativa fazem parte de uma série de contos bem conhecidos que ressaltam as aventuras de três rapazes que estão em busca de felicidade e melhores condições de vida, dois deles são espertos, orgulhosos e pretenciosos, já o terceiro é tolo, preguiçoso e sem ambições. Este conto de origem européia apresenta várias versões em diversas regiões do Brasil, inclusive uma bem famosa contada na região de Pernambuco intitulada

O filho caçula[25], onde mostra mais uma das aventuras dos três irmãos, só que ocorrendo uma inversão de papéis, uma vez que nesta versão José é o filho obediente, que fica em casa e segue o pai, enquanto em algumas regiões da Bahia, Mané é o filho que obedece o pai.

No desenrolar da história, percebe-se que Mané é explorado pelos irmãos e até mesmo pelo seu pai. Considerado como tolo e desacreditado, num determinado momento da narrativa, Mané supera a sua condição de submissão, e decide reagir, é o momento em que recebe o auxílio dos elementos sobrenaturais (cavalos). Só a partir deste momento, ele sente que tem poder. Destarte, a carência inicial que foi dada ao herói passa a ser superada e até mesmo a sua aparência é modificada para que desapareça a imagem de homem franzino e tolo.

[25] ROMERO, Silvio. Contos popluares do Brasil, 2000. p. 209-211.

CONCLUSÃO

Os contos recolhidos neste trabalho, tem na fantasia e no sobrenatural seus elementos constitutivos, são histórias conhecidas em todo mundo, embora apresentem em diversas regiões variantes e/ou versões que não fogem ao original, mas que apenas se transformam um pouco para ajustarem-se à cultura, o locus e a imaginação dos contadores.

Ora, acreditamos que a necessidade do encantamento e da magia se conserva na memória do povo, uma vez que a ilusão e a fantasia parecem está adormecendo no interior das pessoas. O mundo fabuloso da imaginação parece desaparecer diante das novas exigências sociais, e as histórias com heróis impossíveis, fadas, madrastas cruéis, criaturas fantásticas que nasceram da *alma* do povo estão tornando-se cada vez mais escassas.

Mesmo na sociedade moderna, regida pela tecnologia, descobrimos mundos onde reis, príncipes, cavalheiros e dragões sobrevivem alimentando a fantasia e a imaginação de crianças que nunca possuíram um brinquedo.

Cada característica destas narrativas evidenciam lugares, costumes, crenças que o seu contador jamais vivenciou, mas que na sua forma tão íntima de relatar parece conhecer tão bem.

Passadas de geração para geração, muitas vezes com finalidades educativas e moralistas, os contos populares estão longe de desaparecer do imaginário popular, mas é importante frizar que houve uma mudança bem contestável na

sua propagação. Antigamente, estes eram um dos mais importantes meios de interação e união familiar, principalmente daqueles famílias oriundas do meio rural. Hoje, com o êxodo rural, eles parecem não chamar mais tanto a atenção.

Esta arte espontânea parece adormecer no seio familiar e quase toda a experiência e legado das gerações anteriores não se identificam com o realismo característico da modernidade. A linguagem simples e espontânea, sem concordância, descompromissada com padrões formais, nascida da criatividade, ainda é um poderoso instrumento revelador da cultura do povo. É relevante salientar que ela constitui também um elemento de ensinamento prestado ao serviço de multiplicar fantasias e emoções.

As mudanças de costumes propiciam um afastamento e recusa do mundo da tradição oral e popular, e as riquezas nascidas da boca do povo humilde como: histórias, lendas, superstições, fábulas e cantigas, acabam se perdendo da memória dos contadores.

Ainda que percebendo a escassez da arte de contar histórias, notamos durante a realização deste trabalho que todos os entrevistados ao darem seus depoimentos e contarem histórias, foram assistidos por familiares, vizinhos e amigos. Notando assim que arte de contar histórias ainda encanta crianças, jovens e adultos.

Esperamos com este trabalho termos contribuído para futuro estudos e pesquisas no campo da Literatura oral e popular *varzeana,* visando futuras reflexões e inferências de interessados.

GLOSSÁRIO DE PALAVRAS E EXPRESSÕES POPULARES

A Onça e o Bode

Cabacim – *Cabaça* – Fruto da cabaceira com que, depois de seco e tirado o miolo, se fazem vasos ou cuias. *Cabacim* = cabacinha.

Furquia – *Forquilha* – Pequeno forcado de três pontas; vara aberta em dois ramos. Peça bifurcado do estilingue em que se atam os elásticos.

Infincar – *Fincar* - Cravar, arraigar, enraizar, ficar firme; insistir e obstinar-se.

Isteio – *esteio* – peça utilizada para ancorar, amparo, apoio; madeiro.

Istudar – *estudar* – Pensar, analisar.

O Coelho e a Onça

Atividades- Trabalho, coisa antiga; sinônimo de esperteza.

Conde – *Quando* – No momento

Trovejo – Cantoria, barulho.

Alua – Retruco em forma de cantiga, resposta cantada.

Aguada – Espécie de várzea.

Lambuza – Sujeira.

O Casamento da Lagartixa com o Camaleão

Comezona – Grande, feia.

Aprontamento – Arrumações, ação de aprontar.

Uniforme – Traje do casamento, roupa formal.

Coco – Parte superior da cabeça.

Mãe da Lua

Mãe da Lua – Pássaro.

Enferrujada – Feia.

Zoião – *Olhão* - Olho grande; característica do corujão.

Vige - *Virgem* - Interjeição de Admiração; invocação da Virgem Maria.

A Corujinha

Bagunçaram – Brincar, festejar, se divertir.

O Caçador

Isfolar – *esfolar* – tirar a pele, ferir superficialmente, escoriar, arranhar; vender muito caro.

Cuei – Coelho

História do Papagaio

Separar a cama – Expressão que significa desfazer o matrimônio, divórcio.

Apartar – Separar.

A tartaruga e o Urubu

Rai – Interjeição de admiração.

História do Bem-te-vi

Inclina – Subir.

Pau – Árvore.

Os Três Porquinhos

Paia – Palha, folhagem.

Percurou – Procurou.

A Menina e o pezinho de repolho.

Burraieira – *Borralheira* – Que gosta de ficar no borralho, na cozinha; o que sai pouco de casa.

O Zanzarim

Zanzarim – *Zanzarinho* - Espécie de ave que possui um belo canto. Aquele que vagueia, que zanza.

Véa – Velha, mãe ou avó.

Véi – Velho, pai ou avô.

Dom Marcus

Feme – Fêmea, mulher.

Celadino – Esperto, astuto.

Ladio – *Ladino* – Manhoso, esperto.

BIBLIOGRAFIA

ALCOFARADO, Doralice. *A esccrita e a voz.* Salvador ECBA.1990. p.35-57.

BANCO DO NORDESTE-BN. *Balanço Social 2001.* Fortaleza, 2002.

CARVALHO, Maria. C. *Construindo o Saber:* Metodologia científica, fundamentos e técnicas. 11 ed. Campinas: Papirus. 2001.

CASCUDO, Luís C. *Contos tradicionais do Brasil.* 8 ed. São Paulo: Global. 2000.

CHILDE, Gordon. V. *O que aconteceu na história.* Rio de Janeiro: Guanabara. p. 9-28.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem escrita e poder.* São Paulo: Martins fontes. 1998. p. 5-10.

GRIMM, Jakob & Wilhelm. *Clássicos da Infância.* Contos de Grimm. São Paulo: Círculo do Livro S.A. 1992. p. 25-31, 67-78.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de Metodologia Científica.* 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas. 1991

MEIHY, José Carlos S. *Manual de História Oral.* 3 ed. ver e aum. São Paulo: Edições Loyola. 2000.

NASCIMENTO, Terezinha O. *Doces Recordações.* Salvador: Sindicato dos Bancários da Bahia. 2002. p. 95.

OLIVEIRA, Elinês A. Ariano Suassuana. Brasil [on line]. Disponível em: <http://www.pucsp.br/~cos-puc/cultura/suassuna.htm> [consulta 25/08/02].

PERRAULT, Charles. *Clássicos da Infância.* Contos de Perrault. São Paulo: Círculo do Livro S.A. 1992. p. 11-13, 65-68.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteiras do milênio.* Porto Alegre: Universidade. 2001. p. 42-53

PROPP, Vladimir I. *Morfologia do Conto Maravilhosos.* Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1984. p.14-84

REVISTA TV ESCOLA. Brasília: nº 29, outubro/novembro, 2002. p. 38-39.

ROMERO, Sílvio. *Contos Populares do Brasil.* São Paulo: Landy. 2000.

SAGRADA, Bíblia. *Edição Pastoral.* 5 ed. São Paulo: Paulus. 1995. p. 671.

SERVIÇO DE APOIO ÀS PEQUENAS EMPRESAS DO ESTADO DA BAHIA-SEBRAE, Diagnóstico municipal. Jacobina. 2002.

SANTOS, Edinalva Mª Marinho dos et al. *O texto científico:* Diretrizes para elaboração e apresentação. Salvador: Quarteto. 2001.

SIMONSEN, Michele. *O Conto Popular.* São Paulo: Martins fontes. 1987. p 06-09.

TRALDI, Maria C. & DIAS, Reinaldo. *Monografia passo a passo.* Campinas: Alínea, 1998.

UNIVESIDADE SOLIDÁRIA-UNA. *Relatório 2001.* Minas Gerais, 2001.

WEITZEL, Antônio H. *Folclore Literário e Linguístico.* Juiz de Fora. [s.n.] 1983. p. 15-50.

ANEXOS

Em anexo, acrescentamos à presente monografia, algumas entrevistas com contadores de histórias varzeanos. Estas foram feitas em gravações em fita K-7, que estão reproduzidas aqui de forma digitada.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUAMANAS - CAMPUS IV – JACOBINA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Entrevistador (a): Juciane Pacheco de Almeida
Entrevistado (a): Izaldite Reis Rios
Idade: 5l anos
Naturalidade: Fazenda Lorena, município de Monte Alegre, atualmente Mairi.
Profissão: Lavradora e artesã
Data da entrevista: 28 de setembro de 2002.

1. Você conhece histórias contadas nessa região pelo povo? Quais?
... É a, a... a história do viado, do macaco... tem várias histórias contada aqui pela região... nu meu tempo mesmo tem uma história ... tem uma história que o povo se reunia... mais para contar história, contava do pezinho de repolho, da princesa encantada, da varinha de condão e muintas outras outras histórias.

2. Você costuma contar essas histórias para seus filhos? Por quê?
... Às vezes quando era pequena, pequena... eu contava algumas histórias, mais depois que começou as escolas, é dever de escola, não tem tempo...dever de escola, assistir televisão, leva o tempo todo, não tem tempo mais de contar história e dar risada não.

3. Onde e quando Senhora ouviu essas histórias pela primeira vez?
No Losado, a fazenda que nóis morava, ali na redondeza, e depois aqui na Lorena...na redondeza a gente ia para a casa dos vizinhos, sempre motivo de história de história, tinha uma festa, uma reza, quem tava rezano, tava, quem tava cantano, quem tava cantano roda tava, quem não tava, tava sentado contando história.

4. Você percebe algum ensinamento ou mensagem nessas histórias? Quais?
O ensinamento da história: os preguiçosos não conseguem nada na vida, é isso aí bem claro. O povo interesseiro sempre tem uma coisinha na vida, sobe. Sobe porque ajuda, faz tudo. Por exemplo: eu vou na sua casa, eu não posso lhe dar dinheiro, nem você pode me dar, mas eu lhe dou a boa vontade, vou trabalhar, fazer limpar, o que você não deu tempo limpar. Lavar os seus pano, gomar. Você pega uma roupa velha me dar. Tudo é ajuda, eu vou lá, faço sujeira e você fica com raiva de mim, manda eu ir embora, tomara que aquela mulher não venha mais aqui e não só você, é qualquer pessoa. Isso é em geral, ne? Ninguém gosta de preguiçosol, não vai a frente...

(a entrevistada refere-se a história que a mesma contou: A menina e o pezinho de repolho)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUAMANAS - CAMPUS IV – JACOBINA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Entrevistador (a): Juciane Pacheco de Almeida
Entrevistado (a): Edézio Rocha Bispo
Idade: 63 anos
Naturalidade: Mairi.
Profissão: Lavrador
Data da entrevista: 28 de setembro de 2002.

1. Você conhece histórias contadas nessa região pelo povo? Quais?
... Eu sei, mais agora eu num tô lembrano o nome da história do pobri e du rico (pausa), tem a história do lobisoni (pausa), pra gente lembrar assim... dizer assim... lembrar a história do lobisoni, contar a história é Qui eu num conto.

2. Você costuma contar essas histórias para seus filhos? Por quê?
Gosto, purquê eles nunca viram, nunca participa, fica mais ou menu sabeno o que aconteceu.

3. Onde e quando Senhor ouviu essas histórias pela primeira vez?
... pela primeira veiz, era os meus pai qui contava na casa deles.

4. Você percebe algum ensinamento ou mensagem nessas histórias? Quais?
Não.... aliais, divia di ter algum conselho...

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUAMANAS - CAMPUS IV – JACOBINA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Entrevistador (a): Juciane Pacheco de Almeida
Entrevistado (a): Valdevino Fernandes de Almeida
Idade: 82 anos
Naturalidade: Fazenda Queimada do Meio, município de Monte Alegre, atualmente Mairi.
Profissão: Lavrador
Data da entrevista: 12 de outubro de 2002.

1. Você conhece histórias contadas nessa região pelo povo? Quais?
Eu nunca mi lembro de nada, menina! História de... tinha essa história que eu tava contano de Carlos Magno...

2. Você costuma contar essas histórias para seus filhos? Por quê?
Ah! eu quiria essa história qui eu tô falano, eu quiria era o livro qui... dessa história que eu vô falá. Tá lá no Paraná, na casa de cumpadi Migué.

3. Onde e quando você ouviu essas histórias pela primeira vez?
Eu ouvi meu pai contano, contava a gente.

4. Você percebe algum ensinamento ou mensagem nessas histórias? Quais?
(Não respondeu)

Entrevistador (a): Juciane Pacheco de Almeida
Entrevistado (a): Iraci Souza Santana
Idade: 68 anos
Naturalidade: Monte Alegre, atualmente Mairi.
Profissão: Dona de casa
Data da entrevista: 12 de outubro de 2002.

1. Você conhece histórias contadas nessa região pelo povo? Quais?
[risos] eu vou lhe contá uma história di Jesuis mais São Pedro. Conheço, prá... prá eu citá o nome das pessoas? Eu conheço mais ela não tão aqui pra eu lhe dizê. Chica! Ela sabe umas história, só qui ela fica invergonhada.

2. Você costuma contar essas histórias para seus filhos? Por quê?
Conto, às vezes eu conto assim pra eles quando eles vem aqui. Quando eu morava na roça, nóis botava uma isteira assim no chão e contava aquelas história, fazia perguntas, purque tem pergunta e tem história. Pergunta é fácil e história é mais difícil.

3. Onde e quando a Senhora ouviu essas histórias pela primeira vez?
Quem contava a mim, meus avô, meu pai... quando eu...quando eu era criança, ele contava assim a gente, purque tinha quem dizia assim: dos avô prus pai, dos pai prus fio na fazenda. Meu pai era vaqueiro, nóis morava na fazenda. Ele trabalhava, agora quando era di noite, botava uma isteira, meu pai tocava viola, se deitava num banco, que hoje o banco qui se conhece é o que guarda dinheiro. Agora nóis deitava assim na esteira e ele tocava viola, ensinava, cantava, a gente cantava mais ele. Meu pai era pobre, mais era bom pra gente. Ensinou essas coisa a gente, contava aquelas história da pessoa que num gravava as coisa, pessoa rudo... rudo qué dizer pessoa Qui é ruim de aprendê, contava história de mintiroso, história de quem num mente. Agora ele dizia assim: Ói, não se mente!

4. Você percebe algum ensinamento ou mensagem nessas histórias? Quais?
Prá ensiná como era naquele tempo qui hoje as história de hoje é deferente, às veiz quando eles falava uma coisa assim, dizia hoje é assim, no outro tempo é deferente.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUAMANAS - CAMPUS IV – JACOBINA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Entrevistador (a): Juciane Pacheco de Almeida
Entrevistado (a): Madalena Maria de Jesus, Dona Chuchu
Idade: 61 anos
Naturalidade: Varzeana
Profissão: Lavradora e dona de casa
Data da entrevista: 13 de outubro de 2002.

1. Você conhece histórias contadas nessa região pelo povo? Quais?
Assim um pouco , a gente conhece história de onça, de lobisome, de casamento de calango com lagartixa...

2. Você costuma contar essas histórias para seus filhos? Por quê?
Conto pra todo mundo que quiser ouvir, tanto eles pede, como a gente conta pra eles anunciarem, pra eles saberem que naquele tempo tinha aquelas coisas que hoje não tem, que as coisas de hoje, os modo é tudo diferente do meu avô, do meu pai. Hoje ninguém sabe fazer isso... se a gente disser o que é um boi, um bode, já tem criança que pergunta: _ Isso é o quê?
Já procurou pra mim: _ Um chifre é o quê?
Um vivo que tem no mato, que tem um chifre, um cabo e eles fica sem saber aquilo e a gente tem que contar pra ele saber... Uma criancinha mesmo, deste tamanho vai ver o que eu já vi? Não sabe contar o que eu já vi. Aí quando ele tiver mais sabidinho e coisa... a gente vai Ter que contar como é que era que a gente via, como é que fazia pra viver.
Eles pergunta a gente como é que fazia farinha e faiz pra gente comer. Aí muinta gente já foi assim no mato, ver a casa de farinha, puxa a criança assim pra ver puxar a roda, cantar aboio. Foi nas roças pra ver o que acontece com a criança desse tamanho.

3. Onde e quando você ouviu essas histórias pela primeira vez?
Meus pai, meus avô é quem contava, meus antigo. Esses mudernos de agora quase que nenhum contou nada... eu sentada, eu achava engraçado, aquelas menina pedindo pra eu contar lá na escola... gostava e as menina dava risada porque era engraçada. Mas nem foi eles, viu outras pessoas, outros idosos que eles viu contando.

4. Você percebe algum ensinamento ou mensagem nessas histórias? Quais?
Não respondeu a questão

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUAMANAS - CAMPUS IV – JACOBINA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Entrevistador (a): Juciane Pacheco de Almeida
Entrevistado (a): Maria Oliveira Gomes
Idade: 60 anos
Naturalidade: Fazenda Lameiro, município de Várzea da Roça
Profissão: Lavradora e dona de casa
Data da entrevista: 13 de outubro 2002.

1. Você conhece histórias contadas nessa região pelo povo? Quais?
A história da coruja... não lembro direito....
Eu só sei a cantiguinha da sabiá... é assim a perguntinha...

Crer pai, crer mãe, crer filho, crer tu, crer tudo...

Não, aí era da sabiá... era brincadeira da sabiá...

2. Você costuma contar essas histórias para seus filhos? Por quê?
Costumo contar pra ele saber o mesmo que eu sabi, né? Antigamente, né? [risos]

3. Onde e quando você ouviu essas histórias pela primeira vez?
Foi a mãe da gente, né? Os bisavô, né? Contou na fazenda... Hermes também sabe um bocado, porque ele não conta, [risos] mas ele só sabe da Bíblia, a gente é crente, ler mais a Bíblia, mais não tira mal...

4. Você percebe algum ensinamento ou mensagem nessas histórias? Quais?
Não sabia a resposta.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUAMANAS - CAMPUS IV – JACOBINA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Entrevistador (a): Juciane Pacheco de Almeida
Entrevistado (a): Maria de Lourdes Barreto de Oliveira, Dona Lourdes
Idade: 53 anos
Naturalidade: Fazenda Tabua, município de Mairi
Profissão: Dona de casa
Data da entrevista: 13 de outubro de 2002.

1. Você conhece histórias contadas nessa região pelo povo? Quais?
Conheço história de... que minha mãe contava... a história da tartaruga e do urubu.

2. Você costuma contar essas histórias para seus filhos? Por quê?
Não respondeu a pergunta.

3. Onde e quando você ouviu essas histórias pela primeira vez?
Foi minha mãe, na fazenda Tabua

4. Você percebe algum ensinamento ou mensagem nessas histórias? Quais?
Ah! percebo sim, que o urubu deu uma lição a tartaruga e ela achou que o urubu tava com egoísmo, que não tava quereno leva e no final foi mal agradecida, o urubu levou e ela ô o que disse: que o urubu era fedido. Em vez de ficar queta não, foi mal agradecida...

(a entrevistada refere-se a história que a mesma contou: O Urubu e a Tartaruga)